

O CONTEXTO DO ACOLHIMENTO DO PENSAMENTO DILTHEYANO POR HEIDEGGER

Neste capítulo, pretendemos apresentar o contexto em que ocorre a recepção do pensamento diltheyano por parte de Heidegger. Veremos que Heidegger toma conhecimento da obra de Dilthey desde os primeiros anos de sua formação acadêmica. Deparando-se com as principais questões filosóficas e científicas de sua época – que têm Dilthey como um dos expoentes – o jovem Heidegger trava diálogo frutífero com os mais importantes interlocutores desse filósofo.

Se o interesse pela obra diltheyana surge ainda nos tempos de estudante, entre 1910 e 1916, torna-se, entretanto, mais firme nos anos em que Heidegger é professor assistente na universidade de Friburgo, entre 1919 e 1923, quando encontramos várias seções de suas primeiras lições dedicadas à filosofia de Dilthey.

Nossa intenção ao contextualizar a presença do “Filósofo da vida” na formação acadêmica e intelectual do “Filósofo do ser” é mostrar que as intuições recebidas das reflexões diltheyanas não lhe são casuais, mas ocorrem *pari passu* ao desenvolvimento de seu próprio pensamento.

Contudo, a fim de alcançar uma compreensão mais genuína acerca da inspiração que a filosofia de Dilthey irá desempenhar no pensamento heideggeriano, devemos começar por compreender algo peculiar que, a nosso ver, soou

instigante para Heidegger: a aparente fragmentação de obra de Dilthey. Veremos que ao invés de significar uma desorganização, manifesta um aspecto inerente ao seu filosofar nem sempre apreendido. No intuito de compreender a vida, avesso à construção de sistemas, Dilthey tem seus textos extraídos da tensão da própria vida humana.

1.1 A DISPERSÃO E O CARÁTER FRAGMENTÁRIO DA FILOSOFIA DILTHEYANA

Wilhelm Dilthey nasceu em 1833, em Biebrich, na Alemanha, vindo a falecer, repentinamente, em 1911¹. Filho de pastor calvinista, à semelhança do pai, tornou-se também pastor. Segundo os biógrafos, em pouco tempo, Dilthey deixou a carreira religiosa para se dedicar ao ensino de filosofia na universidade. Na interpretação de Ortega y Gasset, faltando-lhe fê viva, *o estudo da religião transformou-se em pura investigação histórica* (Cf. ORTEGA Y GASSET, 1958, p. 143). No entanto, a formação em teologia marcou profundamente seu itinerário intelectual, elevando-o ao grau de doutor, tendo defendido sua tese de doutorado sobre o pensamento escolástico medieval (Cf. REIS, 2003, p. 21).

Em Berlim, Dilthey foi aluno de Friedrich Adolf Trendelenburg (1802-1872) – neoaristotélico e neoescolástico, discípulo de Friedrich Schleiermacher (1768-1834) e de G. W. F. Hegel (1770-1831). Uma das figuras mais marcantes da filosofia do século XIX, Trendelenburg é considerado um dos precursores do neokantismo – o movimento que ficou conhecido como *Zurück zu Kant*². Os mais renomados trabalhos de Dilthey, dentre os quais destacam-se as biografias *Vida de Schleiermacher*³ e *A história da juventude*

¹ Dilthey morre em primeiro de outubro de 1911, quando, de férias na cidade de Seiss am Schlern, no Tirol do Sul/Áustria, absorto em seus estudos, não fica sabendo da epidemia de difteria que assolava o local e contrai a doença (Cf. PACHECO AMARAL, 2013, p. 104).

² Trendelenburg foi também professor de Cohen Herman (1842-1918) – neokantista, fundador da Escola de Marburgo – e de Kierkegaard (1813-1855) e Marx (1818-1883). Opondo-se ao idealismo alemão, Trendelenburg escreve *Logische Untersuchungen* (1840), a sua obra principal (de mesmo título da obra de Husserl!), propondo um retorno bastante crítico ao pensamento kantiano ao reelaborar a relação entre filosofia e ciência. Sua filosofia dá destaque a Aristóteles, fazendo renascer a lógica clássica. Entretanto, resgata “não só a lógica, mas também a metafísica e a psicologia do Estagirita, constituindo-se em ponto de partida da filologia aristotélica contemporânea” (GONZÁLEZ PORTA, 2011, p. 20). Em última instância, o pensamento de Trendelenburg sobre ciência o coloca na origem histórica comum do movimento neokantiano, da fenomenologia, da filosofia analítica como também do desenvolvimento da hermenêutica (Cf. GONZÁLEZ PORTA, 2011, p. 22).

³ No original: *Leben Schleiermachers* (1870). A primeira parte é publicada no volume XIII e

de Hegel⁴, comprovam a acentuada influência recebida de Trendelenburg. Sua descoberta primordial, a hermenêutica filosófica, inspirada em Schleiermacher, e sua noção de “tipos” (de visão/concepção de mundo) também são herança do contato com esse seu mestre.

Ao longo de sua vida, Dilthey ensinou em diversas universidades: na de Bâle, em 1867 e, um ano depois, na de Kiel. A partir de 1871, lecionou em Breslau e, por fim, de 1882 a 1911 (ano de sua morte), foi sucessor de Hermann Lotze (1817-1881), em Berlim.

Como professor, Dilthey preferiu o anonimato, a discrição, o silêncio, o recolhimento. Ortega y Gasset revela que ele nunca exibia de forma adequada e pública seu pensamento. Nos últimos anos de sua vida acadêmica, afastou-se aos poucos do meio universitário, preferindo dar cursos em sua própria residência, acolhendo como alunos apenas um grupo íntimo e seletivo com quem compartilhava as suas ideias (Cf. ORTEGA Y GASSET, 1958, p. 135 e 138). Dentre seus discípulos, encontra-se sua filha, Clara Misch, casada com Georg Misch, também seguidor e editor das obras do sogro. Muitos deles consideravam-no misterioso, taciturno e obstinado pelo trabalho.

Embora tenha passado a vida inteira escrevendo, publicou, como livro, apenas *Vida de Schleiermacher* (1870) e *Introdução às ciências do espírito: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história*⁵ (1883)

a segunda parte é publicada, de modo inconcluso, no volume XIV dos *Gesammelte Schriften* (sua Obra Completa, a partir de agora indicada pelas iniciais GS, seguidas do volume em algarismo romano, e das páginas em algarismo arábico).

⁴ No original: *Die Jugendgeschichte Hegels* (1905), GS IV.

⁵ No original: *Einleitung in die Geisteswissenschaften: Versuch einer Grundlegung für das Studium der Gesellschaft und der Geschichte* (1883), GS I. Utilizaremos, em nossa pesquisa, a tradução brasileira realizada por Marco Antônio Casanova com o título *Introdução às ciências humanas: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010). Casanova prefere traduzir o termo *Geisteswissenschaften*, literalmente “ciências do espírito”, por “ciências humanas”, de modo a aproveitar o uso que essa expressão em português tem para designar “o tal conjunto de ciências”. Sobre isso, ver o seu comentário na nota 1, p. 16, da referida obra. Kahlmeyer-Mertens também reforça a adequação da escolha de “ciências humanas” por Casanova, afirmando que esse termo faz jus às traduções de língua inglesa e melhor define o sentido da realidade histórica e social, além de estar em afinidade com a nomenclatura de alguns dos cursos universitários brasileiros – os chamados *cursos de ciências humanas* (Cf. KAHLMEYER-MERTENS, 2010, p. 226). Quanto a nós, nas citações literais, obedeceremos à opção do tradutor, mas utilizaremos “ciências do espírito” no corpo de nosso trabalho, mantendo-nos mais próximo da tradição alemã, por considerarmos que o termo “espírito” – herança do idealismo alemão

– permanecendo, entretanto, ambos, na primeira parte. Por causa disso, Carlos Moya Espí, um dos tradutores das obras de Dilthey, no Prólogo da edição castelhana *Crítica de la razón histórica*, lembra que era comum os alunos de Dilthey se referirem a ele como “o homem dos primeiros volumes” (ESPÍ, In: DILTHEY, 1986, p. 6).

Também a Heidegger (1889-1976) chama a atenção o fato de que a maioria dos trabalhos de Dilthey apresentam-se como projetos, planos ou introdução: “contribuições a”, “ideias para”, “ensaios sobre”, “tentativas de” (Cf. HEIDEGGER, *Conférences*, 2003, p. 52). Sua obra é considerada obscura, hermética, difícil de ler e de interpretar. Em parte, isso é decorrente do caráter fragmentário dos seus textos – aspecto já bem conhecido entre seus leitores e pouco convidativo para os iniciantes. Como afirma José Carlos Reis, a obra diltheyana é tida como “uma vasta desorganização”, conservando um estilo introdutório, cheio de promessas de retomadas e de futuros volumes que nunca vieram⁶ (Cf. REIS, 2003, p. 21). Marco Antônio Casanova, em *Nota da Tradução* na edição brasileira de *A construção do mundo histórico nas ciências do espírito*⁷ (1910), destaca o uso frequente de “etc.” por Dilthey, para as ideias ainda não elaboradas, bem como a presença de frases desconexas, soltas, cortadas, seguidas de “reticências” [...] para raciocínios inconclusos. Nessa obra, também deixou seções inteiras não escritas, apenas sugeridas, esboçando alguns títulos e subtítulos para posterior desenvolvimento. Além disso, há sempre, em seus trabalhos, anotações, adendos

– traz implicações conceituais importantes na filosofia diltheyana.

⁶ Dilthey já tinha iniciado a segunda parte de *Vida de Schleiermacher*, quando se vê instigado a escrever *Introdução às ciências do espírito*. No Prefácio dessa obra, ele assim se justifica: “Essa tentativa veio à tona antes de eu pagar uma dívida por meio da conclusão da biografia de Schleiermacher. Depois do término dos trabalhos prévios para a segunda metade dessa biografia percebi em meio à elaboração do texto que a apresentação e a crítica do sistema schleiermacheriano pressupõem incessantemente discussões sobre as questões derradeiras da filosofia. Assim, a biografia foi posta de lado até a publicação do presente livro, o qual me poupará tais discussões” (DILTHEY, *Introdução*, 2010, p. 9). Apesar da inconclusão, os “trabalhos prévios” que comporiam a segunda parte de *Vida de Schleiermacher* são publicados no volume XIV dos *Gesammelte Schriften*, conforme já dissemos em nota explicativa.

⁷ No original: *Der Aufbau der geschichtlichen Welt in den Geisteswissenschaften* (1910), GS VII. Utilizaremos, em nossa pesquisa, a tradução brasileira realizada por Marco Antônio Casanova, intitulada *A Construção do mundo histórico nas ciências humanas* (São Paulo: UNESP, 2010); e a tradução espanhola de Eugenio Ímaz, *Estructuración del mundo histórico por las ciencias del espíritu* (In: *El mundo histórico*. México: Fondo de Cultura Económica, 1944). Exceto nas citações literais, utilizaremos o termo “ciências do espírito”, pelas mesmas justificativas já expostas em nota de rodapé.

e apêndices que retomam ideias postas anteriormente (Cf. CASANOVA, In: DILTHEY, *Construção*, 2010, p. 14).

Pacheco Amaral revela que Dilthey manifestava receio de que, com o avançar da idade, não pudesse dar continuidade aos trabalhos inacabados. Mais do que preocupações com publicações, edições ou reedições de obras já escritas, interessava-lhe escrever as que já estavam em curso (Cf. PACHECO AMARAL, 1987, p. XX)⁸. De fato, em 19 de novembro de 1903, essa inquietação aparece no *Discurso* que profere para os seus amigos e alunos, em Berlim, para comemorar os seus setenta anos. Nessa ocasião, Dilthey exprime claramente que “permanece na metade do caminho” no propósito que consagrou toda a sua vida: o de fundamentar filosoficamente as ciências históricas e que *espera que seus jovens companheiros de rota, os seus discípulos, possam continuar até o fim* (Cf. DILTHEY, 1992a, p. 36).

Para Ortega y Gasset, faltou, sim, *plenitude, precisões e conclusões às formulações diltheyanas*. Concorde que Dilthey *ficou sempre a meio caminho de suas próprias ideias*, no entanto, para ele, trata-se de um traço distintivo de seu pensamento: Dilthey *não chegou a pensar nunca o todo, a plasmar e dominar sua própria intuição* (Cf. ORTEGA Y GASSET, 1958, p. 138 e 139; REIS, 2003, p. 33). Patrick Gardiner descreve Dilthey como “um lógico fraco e um estilista impossível” sendo, por isso, *justificável a tentação de repudiar ou ignorar sua obra* (Cf. GARDINER, 2004, p. 258). Antes de tudo, porém, o caráter fragmentário e inconcluso reflete o pensador obstinado, que reúne em si *sensibilidade histórica e rigor teórico*, disposto sempre a rever suas ideias (Cf. REIS, 2003, p. 33), tomando-as por diversos lados, sem nunca chegar a uma expressão suficiente delas⁹. Ao que parece, a genialidade e a força de suas ideias eram sempre maiores

⁸ Em carta ao Conde Yorck, no final de agosto ou início de setembro de 1897, ele confessa a angústia que sentia ao pensar na ideia de morrer e deixar inacabados os seus trabalhos (Cf. *Briefwechsel zwischen Wilhelm Dilthey und dem Grafen Paul Yorck von Wartenburg 1877-1897*. Herausgegeben Von Erich Rothacker. Halle a. d. Saale: Max Niemeyer, 1923. p. 246. Há uma tradução italiana que, eventualmente, consultaremos, intitulada *Carteggio Wilhelm Dilthey – Paul Yorck von Wartenburg. 1877-1897*. A cura di Francesco Donaldio. Napoli: Guida editori, 1983. p. 353).

⁹ Importa notar que Dilthey nunca encerra ou dá por terminada uma ideia. Em *A construção do mundo histórico nas ciências do espírito*, ele faz questão de advertir: “uma apreensão completa da diferença entre as duas [entre as ciências do espírito e as ciências naturais] só se realizará em investigações ulteriores”. E, ao se referir à adequação do emprego do termo “ciências do espírito”, afirma que, em comparação com outras expressões, “sua utilidade, só será possível em um momento posterior” (Cf. DILTHEY, *Construção*, 2010, p. 19 e 28, respectivamente).

e mais luminosas do que a sua própria expressão (Cf. ORTEGA Y GASSET, 1958, p. 207).

Pacheco Amaral também nos previne para não tomarmos o aspecto assistemático da obra de Dilthey como *displicência ou incapacidade de o Filósofo organizar coerentemente o pensamento*. Pelo contrário, a autora menciona o cuidado que Dilthey sempre teve *com formulações prematuras, unilaterais e que tendessem a um brilho superficial*:

Nós desprezamos a construção, amamos a pesquisa, temos um comportamento céptico em relação à maquinaria de um sistema. Essa sistemática e dialética se nos apresentam como uma poderosa máquina que trabalha no vazio. Nós estaremos satisfeitos ao final de uma vida longa, *se tivermos gerado uma multiplicidade de linhas de pesquisa que nos conduzam ao mais profundo das coisas*: estaremos satisfeitos se morrermos em meio a essa peregrinação (DILTHEY, *apud* PACHECO AMARAL, 1987, p. 2 e 3. Grifos nossos).

Dessa forma, a fragmentariedade e a inconclusão que aparecem nas obras de Dilthey refletem a inquietude básica de seu pensamento – inquietude que define a própria vida humana: ponto de partida e objeto de seus estudos, de que trata a sua hermenêutica. É preciso partir da vida, dizia ele. E a essência da vida é ser transformação constante! A vida não tende a uma racionalidade clara e distinta, absoluta, completa. A esse respeito, Reis declara:

Assim como o calor da Terra, para ele [Dilthey], a vida é interna, opaca, para dentro. As luzes solares da razão são para fora, não trazem a transparência, mas a impostura. Diante das Luzes, a vida perde o viço, a espontaneidade, a luminosidade própria. Ela se recolhe. A vida é individual segredo, mistério, intimidade, inícios sem sequências, opacidade, intensa fragmentação em uma inacessível totalidade. Ela é “experiência vivida” e não uma abstração ideal. A expressão “vida”, em Dilthey, revela o que há de mais conhecido e mais íntimo e ao mesmo tempo o que há de mais obscuro e impenetrável (REIS, 2003, p. 23).

Isso demonstra que numa coisa Dilthey parece ser congruente: o fato de considerar que a filosofia coincide com a vida. O modo como ele *viveu* é expressão do modo como *pensou* a vida. Dizia: é preciso abandonar todos os teoremas relativos a um desenvolvimento que progride incessantemente (...) e *é preciso experimentar o fato de a compreensão [da vida] se mostrar em muitos casos limitada* (Cf. DILTHEY, *Construção*, 2010, p. 238 e 323). Nesse sentido, como aponta Casanova, a “fragmentariedade não é nesse caso um defeito que precisaria ser corrigido ou um indício de falha interna no movimento hermenêutico, é a essência da vida que se realiza em conexão” (CASANOVA, In. DILTHEY, *Construção*, 2010, p. 13).

Os biógrafos atestam que o estilo fragmentário e assistemático das obras de Dilthey fez com que elas permanecessem, durante muito tempo, ignoradas. Uma situação curiosa que também contribuiu para desconhecimento de Dilthey é que alguns de seus escritos foram publicados anonimamente¹⁰ ou então como artigos acadêmicos editados para datas comemorativas em revistas que não tinham ampla divulgação. Os impulsos de Dilthey para desenvolver a segunda parte de sua obra, por exemplo, mostraram-se com uma série de estudos publicados nas *Atas da Real Academia Prussiana de Ciências* – um tipo de publicação que não atingia o grande público, impedindo ainda mais que a sua pretensão de fundamentar filosoficamente as ciências do espírito conquistasse notoriedade¹¹. O resultado disso é que a dimensão propriamente filosófica dos textos de Dilthey, com seu empenho de uma *crítica da razão histórica* tratada, sobretudo, em sua *Introdução às ciências do espírito*, ficou pouco conhecida¹². No *Prefácio* (1911) que escreve a um conjunto de “textos escolhidos” para publicação¹³, no entanto, Dilthey destaca que a “tarefa a que consagrou toda a sua vida” consistiu no *esforço para compreender a vida a partir dela mesma*; no *desejo de penetrar sempre mais no mundo histórico*

¹⁰ Dilthey deixou uma vasta produção sob o pseudônimo de “Hoffner” (Cf. SILVA, 2006, p. 66).

¹¹ Pacheco Amaral assinala, ademais, que esses escritos acharam-se desarticulados, sem uma referência explícita por parte de Dilthey que explicasse a relação temática entre eles. Tais escritos, atualmente reunidos no volume V das Obras Completas, são: *Contribuições à resolução da questão da origem e da legitimidade de nossa crença na realidade do mundo exterior* ou *Tratado da realidade* (1890), *Ideias para uma psicologia descritiva e analítica* (1894), *Da psicologia comparada: contribuição ao estudo da individualidade* (1895) (Cf. PACHECO AMARAL, 1987, p. XXI).

¹² Em parte, isso se deve ao desconhecimento da inteireza do projeto filosófico de Dilthey. Originalmente, como ele mesmo explicita no Prólogo de sua *Introdução às ciências do espírito*, o seu programa filosófico conteria duas partes: uma parte “histórica”, que foi publicada em 1883, e outra parte “sistemática”, que apenas veio a público cem anos depois de sua redação. Assim, muitos estudiosos interpretaram que Dilthey não deu continuidade ao seu projeto original e se concentraram unicamente no aspecto histórico. O seu projeto de mostrar a conexão íntima entre a pergunta pela “vida” e a fundamentação das ciências do espírito não foi levado suficientemente a sério e, caindo no esquecimento, ficou reduzido a uma “cosmovisão” sem nenhuma pretensão científica (Cf. XOLOCOTZI, 2007, p. 85, 86 e 87).

¹³ Trata-se dos textos que formam hoje o volume V dos GS. Certamente, devido à morte súbita de Dilthey, o *Prefácio* guarda, visivelmente, o aspecto de inacabamento. A tradução francesa do *Prefácio* (1911) utilizada em nossa pesquisa é a de Sylvie Mesure, intitulada *Avant-Propos* (1911). In: *Critique de la raison historique*. Introduction aux sciences de l'esprit et autres textes (Paris, Éditions du CERF, 1992).

para compreender a alma e encontrar o genuíno acesso a esta realidade e fundar a sua validade (Cf. DILTHEY, 1992a, p. 33).

Mas, se Dilthey foi consagrado tardiamente como filósofo, é no campo da história, da literatura e da arte que ele obterá prestígio. Tornou-se conhecido como “arguto historiador do espírito” dado o impacto que teve o lançamento da biografia *A história da juventude de Hegel* (1905) e os vários ensaios sobre poesia e literatura europeia compilados em *Vivência e poesia*¹⁴ (1906). Na verdade, desde que publicou *Vida de Schleiermacher* (1870), era assim que sua carreira vinha se consolidando: como exímio teórico da história (Cf. PACHECO AMARAL, 1987, p. XX e XXI). Somente após a morte de Dilthey, com o vigoroso trabalho de seus discípulos em organizar e editar a sua *Obra Completa*, é que a interpretação distorcida do pensamento diltheyano passou a ser revista e o valor propriamente filosófico dos seus textos começou a ser considerado¹⁵.

¹⁴ No original: *Das Erlebnis und die Dichtung* (1906), GS XXVI.

¹⁵ Pacheco Amaral pontua, entretanto, que essa tentativa não logrou êxito, visto que os primeiros editores dos *Gesammelte Schriften* – Georg Misch, Groethuysen e Herman Nohl – não seguiram um planejamento, mas a edição foi surgindo pouco a pouco, resultando desorganizada. Especula-se que eles teriam a intenção de reeditar poucas obras, apenas as publicadas por Dilthey e alguns textos póstumos. Especula-se, além do mais, que nem mesmo os discípulos mais íntimos de Dilthey faziam ideia da amplitude que a obra diltheyana abrangia no seu conjunto. Herman Nohl, por exemplo, teria mencionado, publicamente, um comentário que Dilthey lhe tinha feito certa vez, talvez ao pensar nos vários manuscritos guardados, esquecidos no armário: “Os senhores vão ralar comigo quando eu morrer” (Cf. PACHECO AMARAL, 1987, p. XXII). As Obras Completas de Dilthey é composta, no total, de 26 volumes. Os primeiros volumes começaram a ser publicados em 1914, mas, com a Primeira Grande Guerra, houve uma interrupção no trabalho de publicação. Somente em 1924, Misch retoma esse trabalho, com os volumes V e VI, introduzindo uma apresentação que traz um olhar mais sistemático do pensamento de Dilthey. Como assinala Pacheco Amaral, tal texto tem uma repercussão positiva na “reparação” da “imagem do Dilthey filósofo”. Os volumes VII e VIII, organizados por Groethuysen, saem em 1927 e 1931, respectivamente. Esse editor também contribui para reavivar o alcance filosófico dos textos de Dilthey ao publicar ensaios que acentuam a dimensão filosófica da fundamentação das ciências do espírito. O volume IX aparece em 1934 e os XI e XII, em 1936, editados por Erich Weniger. Por ocasião da Segunda Grande Guerra, mais uma vez, a publicação das Obras diltheyanas é interrompida. O volume X veio em 1958, com Herman Nohl. Somente a partir da década de 1960, dá-se continuidade à publicação, com os volumes XIV, em 1960, e XIII, em 1970, sob a responsabilidade de Martin Redeker. Nos anos de 1970, Karlfried Gründer assume a edição desde o volume XV e, a partir do volume XVIII, conta com a contribuição de Frithjof Rodi para publicar os demais volumes, até o XXVI (Cf. PACHECO AMARAL, 2013, p. 105 e 106; 1987, p. XXII-XXIV).

Apesar de seus escritos terem tido pouca repercussão fora da Alemanha e tenham demorado a aparecer “dentro da ordem intelectual germânica”, Ortega y Gasset considera Dilthey o maior filósofo da segunda metade do século XIX¹⁶ (Cf. ORTEGA Y GASSET, 1958, p. 125). Alguns, entretanto, não o veem como filósofo, ainda que seus estudos sobre a historicidade e sobre as ciências do espírito tenham sido apreciados, por não encontrarem nele um sistema de pensamento “original e criativo” ou, pelo menos, “uma conclusão sistematizada de sua obra”. Em *Fenomenologia da intuição e da expressão: teoria da formação dos conceitos*¹⁷ (1920), constatamos uma clara defesa de Heidegger a Dilthey, quando enfatiza que, para um leitor apressado, essa é a maneira habitual de caracterizá-lo: um “não-filósofo”. Todavia, é aí, justamente, onde se costuma ver hoje os “limites” de Dilthey, que está sua força (Cf. HEIDEGGER, *Phénoménologie de l'intuition*, 2014, p. 180).

Xolocotzi afirma que a visão de Dilthey como “não-filósofo” foi corroborada, em parte, por comentários feitos por Heinrich Rickert (1863-1936) e Edmund Husserl (1859-1938). O primeiro assevera, em *A filosofia de vida: apresentação e crítica das correntes filosóficas da moda em nossa época*¹⁸ (1920), que Dilthey, “como filósofo, também permaneceu historiador”; o segundo, em *Psicologia fenomenológica*¹⁹ (1925), afirma que Dilthey “(...) era mais um homem de geniais intuições gerais do que de análises e teorizações abstratas” (XOLOCOTZI, 2004, p. 20). Há, porém, quem o considere filósofo, enquadrando-o em categorias como metafísico, existencialista, historicista, positivista, empirista, vitalista (Cf. REIS, 2003, p. 32). E, ainda, há aqueles que interpretam o seu pensamento como certo “irracionalismo”, “psicologismo” e tantos outros “ismos” que apenas

¹⁶ Tão grande é a importância atribuída ao Filósofo, que chega a dizer que o seu desconhecimento da obra diltheyana fez com que perdesse dez anos de sua vida intelectual e que isso implicou em prejuízo em outras dimensões de sua vida (Cf. ORTEGA Y GASSET, 1958, p. 134 e ainda 140). Recomendamos a leitura de *Kant, Hegel, Dilthey* (Madrid: Revista de Occidente, 1958) em que Ortega y Gasset apresenta a explicação para seu conhecimento tardio da obra de Dilthey. Com a capacidade elucidativa e interpretativa que é peculiar ao autor, o texto traz, com riqueza de detalhes, pontos interessantes sobre a vida e a obra de Dilthey, além de revelar aspectos essenciais do pensamento diltheyano.

¹⁷ No original: *Phänomenologie der Anschauung und des Ausdrucks. Theorie der philosophischen Begriffsbildung* (1920), GA 59. Em nossa pesquisa, faremos uso da tradução francesa de Guillaume Fagniez, *Phénoménologie de l'intuition et de l'expression. Théorie de la formation des concepts philosophiques* (Paris: Gallimard, 2014).

¹⁸ No original: *Die Philosophie des Lebens: Darstellung und Kritik der philosophischen Modeströmungen unserer Zeit* (1920).

¹⁹ No original: *Phänomenologische Psychologie* (1925).

demonstram interpretações unilaterais ou completa ignorância da obra de Dilthey (Cf. XOLOCOTZI, 2007, p. 88).

Em *Ser e Tempo*²⁰, Heidegger admite que Dilthey foi muito mais que “um intérprete ‘sutil’ da história do espírito (...) [que] ‘também’ se esforçou por delimitar a fronteira entre as ciências da natureza e as ciências do espírito (...). Para uma consideração superficial, essa caracterização é ‘correta’ (...) [mas ela] encobre mais do que desentranha. (...)”. Heidegger reconhece em Dilthey algo fundamental: o empenho em “trazer a ‘vida’ para uma *compreensão filosófica* e assegurar, para essa compreensão, um *fundamento hermenêutico a partir da ‘vida ela mesma’*” (HEIDEGGER, *ST*, 1997, § 77, p. 205 e 206; *SZ*, p. 397 e 398. Atente-se às aspas postas por Heidegger nesses trechos. Os itálicos são nossos).

Contudo, como afirma Heidegger, não é mais possível resistir às descobertas de Dilthey. “Hoje dispomos da possibilidade de retomar os efeitos positivos de sua obra, não simplesmente de repeti-la, mas prosseguir e renovar o seu questionamento” (HEIDEGGER, *Conférences*, 2003, p. 153). É também o que declara Ortega y Gasset: é preciso ir além de Dilthey. Expor uma teoria implica sempre em entendê-la melhor do que próprio autor o fez. E, diz ele, isso não é atitude pretenciosa, mas é obrigação de qualquer pesquisador! Expor é completar, reza o princípio hermenêutico diltheyano (Cf. ORTEGA Y GASSET, 1958, p. 141).

Concordamos com Joaquim de Carvalho quando aponta no Prefácio à tradução portuguesa a *Leibniz e sua época*²¹ (1927) que as concepções de Dilthey “podem ser seguidas, podem ser repelidas, podem ser modificadas ou superadas, mas não ignoradas por quem quer que se defronte com os mesmos problemas com que ele se defrontou. Daí a perenidade de Dilthey” (CARVALHO, In: DILTHEY, 1947, p. X). Vale citar: Rickert, Husserl, Heidegger, Weber, Jaspers, Ernest Cassirer, Troeltsch, Scheller, Simmel, Mannheim, Gramsci, Aron, Löwith, Lukács, Spranger, Sartre, Gadamer, Habermas, Ricoeur são alguns pensadores para os quais Dilthey não passou despercebido.

Admitimos que o que foi dito aumenta a responsabilidade de nossa pesquisa que, voltando-se também para Dilthey, quer trazer contribuições para a

²⁰ No original: *Sein und Zeit* (1927), GA 2. Ao longo de nosso trabalho, utilizaremos a 18. Aufl., *Sein und Zeit* (Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2001) e a tradução brasileira de Márcia de Sá Cavalcante, *Ser e Tempo* (Petrópolis: Vozes, 1997. Parte I, 6ª edição/ Parte II, 5ª edição). Nas citações e referências, essa obra será indicada, no português, pelas iniciais *ST* e, no alemão, por *SZ*.

²¹ No original: *Leibniz und Sein Zeitalter* (1927), GS III.

elucidação de seu pensamento – ainda incompreendido e pouco explorado no âmbito acadêmico. Nossa responsabilidade torna-se ainda maior ao pretendermos explicitar a influência que Dilthey desempenha no pensamento heideggeriano. De modo geral, mostraremos que Heidegger “retoma e renova” o questionamento diltheyano, “completando” aquilo que lhe pareceu “insuficiente”.

1.2 A INTERLOCUÇÃO E A COMUNHÃO COM AS QUESTÕES FILOSÓFICO-CIENTÍFICAS DA ÉPOCA

O primeiro contato de Heidegger com as ideias diltheyanas se dá em torno de 1909-1910²², por ocasião de seus estudos de teologia, em especial, com a descoberta de *Vida de Schleiermacher*, primeiro livro publicado por Dilthey, em 1870²³. Com efeito, enquanto estudante de teologia, assiste a um seminário sobre hermenêutica no semestre de verão de 1910 (Cf. SHEEHAN, 1988, p. 92). Vários anos mais tarde (1953/1954), no encontro em que entrevista o professor Tezuka, publicada sob o título *De uma conversa sobre a linguagem entre um japonês e um pensador*²⁴, Heidegger confirma:

Conheci a palavra “hermenêutica” no âmbito de meus estudos de teologia. (...) posteriormente, voltei a encontrar a palavra “hermenêutica” em W. Dilthey, na teoria das ciências históricas do espírito. Dilthey se familiarizara com a hermenêutica da mesma forma, a partir de seus estudos de teologia, e especialmente por ter-se ocupado com Schleiermacher (HEIDEGGER, 2003a, p. 78 e 79).

Ao interromper, em 1911, os estudos de teologia realizados no seminário, Heidegger matricula-se no curso de matemática da Faculdade de Ciências Naturais e Matemática da Universidade de Friburgo. Das disciplinas filosóficas do curso, escolhe “Lógica e Epistemologia”, lecionada pelo professor Arthur Schneider (1876-1945) que, mais adiante, tornar-se-á seu orientador no doutorado, e “Introdução à Epistemologia e à Metafísica”, ministrada pelo neokantiano Heinrich Rickert (1863-1936), futuro orientador de sua tese apresentada para o concurso de habilitação para docência (*Habilitationsschrift*), em Friburgo.

²² Um ano antes da morte de Dilthey.

²³ Heidegger fará recomendações dessa obra a Elisabeth Blochmann que, em 1916, escreve uma tese de doutorado sobre Schleiermacher (Cf. GENS, 2003a, p. 8).

²⁴ No original: *Aus einem Gespräch von der Sprache zwischen einem Japaner und einem Fragenden* (1953-1954), publicado em *Unterwegs zur Sprache*, GA 12. Estamos consultando a tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback, *De uma conversa sobre a linguagem entre um japonês e um pensador* (1953-1954). In: *A Caminho da Linguagem* (1959). (Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003).

Também teve como professor o historiador católico Heinrich Finke (1855-1938), especialista em filosofia renascentista – um dos responsáveis por despertar em Heidegger, no final de seus estudos, “o amor e a compreensão da história”²⁵. Conta-nos Borges-Duarte que Heidegger, a convite de Finke, em 1914, mesmo já tendo concluído o doutorado, volta a participar de suas aulas consagradas ao Renascimento. Não é por acaso, já que nesse ano, “é objeto de especial atenção, a recém aparecida obra de Dilthey sobre *a Visão do Mundo e Análise do Homem no Renascimento e na Reforma*”²⁶ (BORGES-DUARTE, 1995, p. 71; Cf. também p. 91).

A carta de Heidegger a Rickert, datada de 5 de fevereiro de 1914, atesta sua aproximação com o pensamento de Dilthey nesses primeiros anos de formação intelectual, quando relata a intenção de elaborar, no final de semestre, um trabalho em que articularia as ideias desse seu mestre com as de Dilthey, Simmel e Wundt. Mas, infelizmente, como ele mesmo afirma, não dispôs de tempo suficiente nem conseguiu *os diferentes trabalhos de Dilthey para tirar citações e aprofundar todas as questões com as quais tinha se defrontado* (Cf. HEIDEGGER; RICKERT, 2007, p. 20)²⁷.

Convém dizer que as investigações neokantianas se desenvolvem num clima de discussão crítica com o historicismo diltheyano na busca uma fundamentação epistemológica para as ciências do espírito (Cf. HEIDEGGER, *Conférences*, 2003, p. 161). Isso acontece, em especial, com os filósofos da Escola de Baden – o fundador Wilhelm Windelband (1848-1915) e os seus discípulos Rickert (1863-1936) e Emil Lask (1875-1915) – todos eles interlocutores

²⁵ No Prefácio de sua tese de doutorado, ele agradece a Finke: „Was ich meinen verehrten Lehrern in Mathematik und Physik verdanke, dürften spätere Untersuchungen zeigen; ebenso werde ich auch den Einfluß des Herrn Geheimrat Professor Finke in mir nicht verkümmern lassen, der in dem unhistorischen Mathematiker Liebe und Verständnis für die Geschichte in bereitwilligstem Entgegenkommen geweckt hat“ (HEIDEGGER, GA 1, p. 61).

²⁶ Como já dissemos, a publicação da edição dos *Gesammelte Schriften* de Dilthey tem início, justamente, em 1914 com o volume II, preparado por Georg Misch, *Weltanschauung und Analyse des Menschen seit Renaissance und Reformation* (Cf. PÖGGELER, 1993, p. 373; BORGES-DUARTE, 1995, p. 90). Há uma tradução espanhola desse volume, consultada por nós, *Hombre y mundo en los siglos XVI y XVII*, realizada por Eugenio Ímaz (México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1944).

²⁷ Consultamos a tradução francesa da correspondência entre Heidegger e Rickert: *Lettres 1912-1933 et autres documents*. Édités à partir des archives par Alfred Denker. Traduction d'Arnaud Dewalque. Bruxelles: Éditions OUSIA, 2007. No original: HEIDEGGER, Martin; RICKERT Heinrich. *Briefe 1912-1933 und andere Dokumente*, herausgegeben von Alfred Denker. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2002.

de Heidegger no período inicial de sua formação. Nenhum deles permaneceu alheio ou indiferente a Dilthey. Windelband o conhecia pessoalmente, tendo-lhe visitado algumas vezes²⁸. É Dilthey quem assume, em 1882, na universidade de Berlim, a cátedra de Lotze, professor de Windelband. Esse fato não poderia passar despercebido pelos neokantianos de Baden, pois as ideias de Lotze constituem a pedra angular do combate ao relativismo histórico que, segundo interpretam, Dilthey suscitou em sua fundamentação epistemológica das ciências do espírito (Cf. GENS, 2002, p. 37).

A tese de habilitação docente de Rickert, intitulada *O objeto do conhecimento: contribuição ao problema da transcendência filosófica*²⁹ (1892), orientada por Windelband, é uma crítica aberta ao texto de Dilthey *Contribuições à resolução da questão da origem e da legitimidade de nossa crença na realidade do mundo exterior*³⁰ (1890). Também Windelband pronuncia seu discurso de reitorado (1894), em Estrasburgo, publicado sob o título *História e ciência da natureza*³¹, como dura resposta às análises científicas diltheyanas expostas em *Introdução às ciências do espírito*, lançado dez anos antes, em 1883. Não é de se estranhar que essa obra, desde a sua publicação, tenha atraído a curiosidade de Windelband pela explícita referência feita ao projeto kantiano de uma “crítica da razão” histórica (Cf. GENS, 2002, p. 36 e 37).

Até 1916, Heidegger permanece ligado aos problemas da escolástica medieval, porém, examinados a partir das teorias lógicas modernas – e isso revela o

²⁸ Em cartas ao Conde Yorck, Dilthey faz alusão às visitas de Windelband. Cf. as cartas de 20.09.1878 e a de verão de 1891 em DILTHEY; YORCK, 1923, p. 10 e 129; na tradução italiana, 1983, p. 106 e 233).

²⁹ No original: *Der Gegenstand der Erkenntnis: Ein Beitrag zum Problem der philosophischen Transcendenz* (1892).

³⁰ No original: *Beiträge zur Lösung der Frage vom Ursprung unseres Glaubens an die Realität der Außenwelt und seinem Recht* (1890), GS V. Trata-se de uma conferência realizada por Dilthey na Academia de Ciências de Berlim que ficou conhecida como *Tratado da realidade (Realitätsabhandlung)*. Utilizaremos a tradução francesa, *De notre croyance à la réalité du monde extérieur: Contribution relative à la question de son origine et de son bien-fondé*, realizada por M. Remy, publicada em *Le monde de l'esprit* (Paris: Aubier Montaigne, 1947. Tome I); e ainda a tradução espanhola de Eugenio Ímaz, *Acerca del origen y legitimidad de nuestra creencia en la realidad del mundo exterior*. In: *Psicología y teoría del conocimiento* (México: Fondo de Cultura Económica, 1945).

³¹ No original: *Geschichte und Naturwissenschaft* (1894). Utilizaremos, em nossa pesquisa, a tradução para o espanhol realizada por Wenceslao Roces, *Historia y ciencia de la naturaleza*, publicada em *Preludios filosóficos: Figuras y problemas de la filosofía y de su historia* (Buenos Aires: Santiago Rueda Editor, 1949).

seu interesse por uma das preocupações predominantes entre os neokantianos: “as questões concretas da teoria da ciência” (Cf. PÖGgeler, 1993, p. 373). Intensifica seus estudos de matemática conjugados aos estudos de física, álgebra, geometria, biologia, química. Interessa-se pela reflexão sobre a “lógica científica”, ou seja, pela necessidade de uma “filosofia científica” que almeja os critérios teóricos ou os fundamentos do pensamento científico-filosófico (Cf. SCHMIDT, 2011, p. 119). Assim, a tônica de seus primeiros trabalhos reside, sobretudo, nos problemas da lógica e sua relação com a matemática, isto é, na epistemologia de seu tempo. Dentre os seus principais textos, destacam-se *O problema da realidade na filosofia moderna*³² (1912), *Pesquisas recentes sobre lógica*³³ (1912), a sua tese de doutorado intitulada *A doutrina do juízo no psicologismo: uma contribuição crítico-positiva à Lógica*³⁴, defendida em 1913, e sua tese de habilitação para a livre-docência, orientada por Rickert, finalizada na primavera de 1915 e apresentada no semestre de verão do mesmo ano, tendo por título, *A doutrina das categorias e do significado em Duns Scotus*³⁵. Curiosamente, nesse trabalho, Heidegger faz menção explícita ao nome de Dilthey ao

³² No original: *Das Realitätsproblem in der modernen Philosophie*, publicado em 1912, em *Philosophisches Jahrbuch der Görres-Gesellschaft*, 25. Posteriormente, foi publicado nos *Frühe Schriften* (Primeiros Escritos), 1912-1916 – volume 1 das Obras Completas (*Gesamtausgabe*, a partir de agora utilizaremos a forma abreviada GA, seguida do número do volume em algarismo arábico), em 1972 (primeira edição), Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann. Em nossa pesquisa, utilizaremos a edição de 1978, de Friedrich-Wilhelm von Herrmann.

³³ No original: *Neuere Forschungen über Logik*, artigo escrito em 1911, publicado em 1912, em *Literarische Rundschau für das katholische Deutschland*, 28, Freiburg-im-Breisgau, e na GA 1, em 1972. Em nossa pesquisa, consultaremos a edição de 1978, de Friedrich-Wilhelm von Herrmann e a tradução do alemão para o francês realizada por Mira Köller e Dominique Ségler, sob o título *Recherches récentes au sujet de la logique*, que veio à luz na revista *Rue Descartes*. n. 18. Kostas Axelos et la question du monde. Collège International de Philosophie, novembre. Paris: PUF, 1997. pp. 129-149. Ao longo de nosso trabalho será indicada simplesmente por *Recherches*.

³⁴ No original: *Die Lehre vom Urteil im Psychologismus: Ein kritisch-positiver Beitrag zur Logik*, publicada em 1914 pelo editorial J. A. Barth, em Leipzig e, reeditada na GA 1, em 1972. Em nossa pesquisa, faremos uso da edição de 1978, de Friedrich-Wilhelm von Herrmann.

³⁵ No original: *Die Kategorien und Bedeutungslehre des Duns Scotus*, publicado pela primeira vez por J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, em 1916 e reeditado em 1972, na GA 1. Utilizaremos a edição de 1978, de Friedrich-Wilhelm von Herrmann e a tradução francesa de Florent Gaboriau, sob o título *Traité des Catégories et de la Signification chez Duns Scot* (Paris: Gallimard, 1970). No decorrer de nossa pesquisa, essa obra será referenciada pela abreviação *Traité*.

caracterizar, tal como ele o fez, o “Doutor Sutil” como “o mais agudo de todos os escolásticos”³⁶ (Cf. HEIDEGGER, *Traité*, 1970, p. 33).

O texto da aula *O conceito de tempo na ciência histórica*³⁷, proferida em 27 de julho de 1915, na universidade de Friburgo, como parte do processo de habilitação para a livre-docência, expressa, com nitidez, a disposição do Filósofo para com as questões contemporâneas em torno da lógica e da epistemologia³⁸. Nesse texto, Heidegger discute a categoria de “tempo” no intuito de compreender qual é a sua função nas ciências naturais e na ciência histórica. Ainda que o nome de Dilthey não seja citado, adotando a via rickertiana como orientação, a temática escolhida para essa aula tem inegável inspiração diltheyana (Cf. DASTUR, 2006, p. 10 e 13). O propósito de Heidegger é distinguir ciência natural e ciência histórica, mostrando metodologicamente que o significado do tempo da história é incomparavelmente diferente do conceito de tempo das ciências da natureza, especificamente, o da física, guiado pela tradição metafísica. O tempo assume um sentido lógico diferente em cada uma delas e isso, para Heidegger, “permitirá à teoria da ciência penetrar no peculiar caráter da ciência histórica e fundá-la teoricamente como um modo de pensar original e irreduzível a outras ciências” (Cf. HEIDEGGER, 2009a, p. 38). Ora, a demarcação diltheyana entre as ciências da natureza e as ciências do espírito e a consequente necessidade de fundamen-

³⁶ Como Pöggeler verifica, essa definição de Scotus feita por Heidegger está na página 321 do *tratado diltheyano sobre o panteísmo em sua evolução histórica*, publicado em 1914 (Cf. PÖGGELER, 1993, p. 373). Pode-se conferir também a referida citação na página 338, da tradução espanhola: “El panteísmo histórico-evolutivo según su conexión histórica con los sistemas panteístas antiguos”. In: *Hombre y mundo en los siglos XVI y XVII*. Versión y prólogo de Eugenio Ímaz. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1944.

³⁷ No original: *Der Zeitbegriff in der Geschichtswissenschaft*. Esse texto foi inicialmente publicado em *Zeitschrift für Philosophie und philosophische Kritik*, em 1916 e, depois, em 1972, na GA 1. A tradução utilizada em nossa tese será a de Jesús Adrián Escudero, *El concepto de tiempo en la ciencia histórica* (Madrid: Minima Trotta, 2009).

³⁸ Esse ensaio mostra o quanto Heidegger conhecia de física clássica e acompanhava de perto as pesquisas ligadas à física moderna. Galileu, Newton, Einstein, Planck são citados e demonstrados com detalhes. O seu interesse pelas ciências naturais é relatado por ele mesmo em seu *curriculum vitae* apresentado para a habilitação (*Lebenslauf zur Habilitation*, em 1915) à carreira docente, em Friburgo, transcrito e comentado por Hugo Ott em *Martin Heidegger. Eléments pour une biographie* (Traduction de J. M. Beloeil. Paris: Éditions Payot, 1990). Recomendamos ainda o artigo de Françoise Dastur, *Le concept de science chez Heidegger avant le “tournant” des années trente*. In: *Noesis* [En ligne], 9/ 2006, mis en ligne le 10 juillet 2007. <<http://noesis.revues.org/264>>.

tar filosoficamente estas últimas, dá-se, justamente, com a discussão do conceito de tempo adequado a cada um desses distintos campos do saber.

Rickert e Husserl, cada um a seu modo, são as duas fontes privilegiadas de Heidegger nas discussões sobre lógica e epistemologia no começo de sua vida acadêmica. Com Rickert, Heidegger ingressa, propriamente, na reflexão filosófica, aprofunda seus estudos de lógica e teoria do conhecimento, aproximando-se, assim, do movimento neokantiano. Diz ele: “Nessa nova escola (...) eu tomei conhecimento dos problemas filosóficos, antes de tudo, como problemas (...)” (HEIDEGGER, *apud* OTT, 1990, p. 91). Em *Meu caminho para a fenomenologia*³⁹, sublinha que é através de Rickert que ele entra em contato com a obra de Lask, especialmente, *A Lógica da Filosofia e a Doutrina das Categorias*: um estudo sobre a esfera do domínio das formas lógicas (1911) e *A Teoria do juízo* (1912)⁴⁰ – cujo valor filosófico é fundamental nos seus anos de juventude, sobretudo, por causa da nítida influência de Husserl nelas presente (Cf. HEIDEGGER, 1973a, p. 496). Lask, com sua doutrina das categorias, de alguma forma, cumpre a função mediadora, essencial na formação de Heidegger, entre os pensamentos de Rickert e de Husserl, ao conjugar, com perfeição, o valer (*Gelten*) e o “existir” (*Existieren*)⁴¹.

Ainda que nessa época não tenha, pessoalmente, conhecido Husserl, as suas obras, em especial, *Filosofia da Aritmética*: investigações lógicas e psicológicas (1891), *Investigações Lógicas* (1900-1901) e *A filosofia como ciência de rigor* (1911)⁴² faziam parte do roteiro de seus estudos e foram decisivas na formação do

³⁹ No original: *Mein Weg in die Phänomenologie* (1963), publicado em *Zur Sache des Denkens*, GA 14. Utilizaremos a tradução brasileira de Ernildo Stein, *Meu caminho para a fenomenologia* (1963). (São Paulo: Abril Cultural, 1973).

⁴⁰ No original: *Die Logik der Philosophie und die Kategorienlehre*: Eine Studie über den Herrschaftsbereich (1911) e *Die Lehre vom Urteil* (1912). Da primeira obra, utilizaremos a tradução francesa, *La logique de la philosophie et la doctrine des catégories*: Étude sur la forme logique et sa souveraineté, realizada por Jean-François Courtine, Marc de Launay, Dominique Pradelle et Philippe Quesne. Paris: VRIN, 2002.

⁴¹ Emil Lask (1875-1915) morreu jovem, como soldado, na Primeira Grande Guerra. Aluno de Rickert, Lask elaborou uma teoria do conhecimento que o faz distinto dos demais neokantianos por não dar prioridade à subjetividade transcendental na constituição do sentido. Devemos ver, brevemente, no próximo capítulo, como sua “lógica do conhecimento filosófico” se destacou no desenvolvimento do pensamento do jovem Heidegger.

⁴² No original: *Philosophie der Arithmetik*: Psychologische und logische Untersuchungen (1891); *Logische Untersuchungen*, cujo primeiro e segundo volumes são publicados em 1900 e 1901, respectivamente; e *Philosophie als strenge Wissenschaft* (1911).

jovem Heidegger⁴³. Em *Meu caminho para a fenomenologia*, Heidegger afirma que conheceu as *Investigações* quando realizava os seus estudos de teologia, em 1909. Mas, o que o texto deixa entender é que o caminho para Husserl e, consequentemente, para a questão central de seu pensamento – a do sentido do ser – já vinha sendo traçado, desde o Ginásio, em Constança, com o livro que recebera de seu amigo, o padre Conrad Gröber, *Das múltiplas significações do ser em Aristóteles*⁴⁴ (1862), de Franz Brentano (1838-1917). Diz Heidegger:

Soube, por diversas indicações em revistas filosóficas, que a maneira de pensar de Husserl era determinada por Franz Brentano. (...). Bastante indeterminada, movia-me a ideia: se o ente é expresso em múltiplos significados, qual será, então, o significado determinante fundamental? Que quer dizer ser? (...) Das *Investigações Lógicas* de Husserl esperava um estímulo decisivo com relação às questões suscitadas pela dissertação de Brentano (HEIDEGGER, 1973a, p. 495).

De fato, Husserl recebe inspiração de Brentano, seu professor, embora empregue de modo distinto o conceito de “intencionalidade”. Até romper com o catolicismo, em 1871, Brentano mantém suas investigações sob o enfoque da escolástica medieval. É sob essa perspectiva que ele interpreta a ontologia aristotélica, resgatando aquilo que os escolásticos chamavam de “in-existência intencional”⁴⁵. Como os escolásticos, Brentano distingue dois modos de ser: o

⁴³ Ao sair da Faculdade de Teologia, Heidegger quis estudar com Husserl, em Gotinga, mas dificuldades financeiras o impediram. Dastur ressalta que Heidegger inicialmente se interessou em desenvolver sua tese de habilitação docente sobre a *essência do conceito de número*, certamente devido aos estímulos das leituras husserlianas. Husserl desenvolvera sua tese de habilitação, em 1887, sob a supervisão do ex-aluno de Brentano, Carl Stumpf (1848-1936), com o mesmo tema *Sobre o conceito de número* (Über den Begriff der Zahl). Esse tema ajustava o gosto de Heidegger pela matemática ao seu interesse em dar continuidade às pesquisas no campo da Lógica, iniciadas com a tese de doutorado, colocando-se, dessa maneira, na esteira de seu futuro mestre. Todavia, Heidegger foi aconselhado por Heinrich Finke, a conciliar os problemas da Lógica com as questões da filosofia escolástica, por duas razões: a) a bolsa de estudos que conseguira de uma instituição católica dedicada a Tomás de Aquino (Fundação Schaezler) que patrocinava pesquisas sobre filosofia cristã; e, b) a possibilidade iminente de substituir, na universidade, a vaga de professor nessa área, então ocupada por seu orientador de doutorado, o padre Arthur Schneider. Para Dastur, todavia, “o fato de se engajar numa pesquisa sobre filosofia medieval não constitui, (...) uma ruptura com as suas primeiras pesquisas consagradas à Lógica, mas, antes, é a ocasião de aprofundar sua dimensão intrinsecamente filosófica” (DASTUR, 2006, p. 9; Cf. também, 2007, p. 30 e 31). Em nota do tópico 2.2 do segundo capítulo, explicitamos a originalidade desse trabalho de Heidegger.

⁴⁴ No original: *Von der mannigfachen Bedeutung des Seienden nach Aristoteles* (1862).

⁴⁵ Brentano se volta à pergunta pelos modos de ser de Deus. De um modo geral, Safranski formula a sua preocupação: “Se existe Deus – o que significa esse *existe*?”. Ele será um con-

esse naturale, que nomeia o ser real ou natural situado fora e independente do sujeito que o percebe; e o *esse intencionale*, o ser intencional ou mental dos objetos que existem *imanentes* no sujeito que conhece. A “in-existência intencional”, característica dos fenômenos psíquicos que contém em si um conteúdo, refere-se à *existência predicativa* da substância empírica no sujeito, isto é, da apreensão da forma sem matéria. Seguramente, após a chamada “crise da imanência” de 1905, Brentano abandona a ideia escolástica de “in-existência intencional”, mantendo o conceito de “relação a um conteúdo” como característica básica dos fenômenos psíquicos de estarem sempre dirigidos a um objeto (Cf. VALERO, 2012, p. 20 e 22).

Sem ampliar os detalhes, devemos lembrar que as pesquisas de Brentano encontram fundamento nos estudos de Adolf Trendelenburg (1802-1872), de quem foi aluno, contemporaneamente a Dilthey, em Berlim. As questões relativas à “filosofia científica” – centro de interesse de Trendelenburg – tinham por tema os “atos de consciência” e moveram a simpatia não apenas de seus célebres alunos, mas também a de Heidegger no início de sua carreira, como ele deixará transparecer, em 1925, em *Prolegômenos à história do conceito de tempo*⁴⁶ (Cf. HEIDEGGER, *Prolégomènes*, 2006, p. 187).

Dilthey dialogou profundamente com Brentano. Dirigiu-lhe, explicitamente, uma crítica por considerar que o conceito de intencionalidade tratado em

ceito em nossa cabeça, portanto, um conceito abstrato, algo subjetivo? Ou será algo objetivo, localizado fora, na realidade exterior, passível de verificação? Para Brentano, Deus tem uma “in-existência intencional”, isto é, é um “objeto intencional” – existe na medida em que “é” para uma consciência; não tem uma existência “em si” nem é dado num ato puramente subjetivo, mas é um conceito e, como conceito, nós nos relacionamos com ele, ou seja, é conceito “de algo”. A partir da metafísica aristotélica, Brentano considera que a consciência de Deus não se dá “pela verificação de objetos reais de nossa experiência nem em conceitos abstratos” como o “ente supremo” ou “bem supremo”. O conceito de ser Aristóteles é interpretado na direção de mostrar “que o Deus acreditado não é aquele Deus que queremos conquistar da plenitude do ente no caminho da abstração”. Seguindo esse entendimento, Vagner Sassi resume: “A substância não está nos conceitos gerais, mas nos objetos concretos isolados que, por sua vez, podem ser determinados em infinitamente muitos aspectos e numa múltipla graduação dos modos de ser (*Seinsarten*)” (Cf. SAFRANSKI, 2000, p. 51 e 52; SASSI, 2007, p. 25).

⁴⁶ O curso, originalmente, teve como título *Prolegomena zur Phänomenologie der Geschichte und Natur*, posteriormente publicado como *Prolegomena zur Geschichte des Zeitbegriffs* (1925), GA 20. Consultaremos, em nossa pesquisa, a tradução francesa realizada por Alain Boutot, *Prolégomènes à l’histoire du concept de temps* (Paris: Gallimard, 2006).

*Psicologia de um ponto de vista empírico*⁴⁷ (1874) era discutido ainda no sentido escolástico⁴⁸. Em *Prolegômenos*, Heidegger também afirmará que o conceito brentiano de intencionalidade é escolástico – “obscuro, metafísico e dogmático” (Cf. HEIDEGGER, *Prolégomènes*, 2006, p. 53). Na perspectiva de Dilthey, Brentano deixou-se guiar *pela dualidade entre consciência e aquilo a que ela visa, ao invés de partir da experiência total da vida, tal como nos é dada* (Cf. GENS, 2003b, p. 12 e 13). Para Dilthey, a vida se manifesta sob a forma de uma totalidade em que consciência e objeto são íntima e estruturalmente interligados, não havendo separação. Como veremos mais adiante, Dilthey incorporou ao seu filosofar o “princípio de fenomenalidade” segundo o qual a consciência sempre está voltada *para* algo sem que, entretanto, haja privilégio do pensamento ou da representação na “apreensão” dos objetos (Cf. DILTHEY, 1986d, p. 93).

Embora saibamos que a psicologia de Brentano influenciou a fenomenologia de Husserl, muitos ignoram, todavia, o fato de que as discussões epistemológicas diltheyanas também instigaram profundamente as pesquisas husserlianas em torno do conceito de consciência. Aliás, quando são publicadas as *Investigações Lógicas* (1900-1901), Husserl – jovem professor em Halle – demonstra, numa carta a Gustav Albrecht, datada de 1901, ter se interessado em saber a reação de Dilthey – naquela época, professor já consagrado⁴⁹. De fato, as *Investigações* foram bem aceitas por Dilthey, que elogia o seu ponto de partida – a crítica ao psicologismo – enfatizando que Husserl seguiu a mesma direção que ele próprio havia tomado (Cf. GENS, 2003b, p. 15). O crédito que Dilthey presta a Husserl, ao *reconhecer a importância dessa obra*, quando ele era apenas um *desconhecido livre-docente* é, sutilmente, registrado por Heidegger em *Meu caminho para a fenomenologia* e nos *Prolegômenos* (Cf. HEIDEGGER, 1973a, p. 499; HEIDEGGER, *Prolégomènes*, 2006, p. 49).

⁴⁷ No original: *Psychologie vom empirischen Standpunkte* (1874).

⁴⁸ No outono de 1882, Dilthey escreve ao Conde Yorck von Wartenburg (1835-1897), sobre Brentano: “ele permaneceu um metafísico medieval” (Cf. DILTHEY-YORCK, 1923, p. 26; Trad. Italiana, 1983, p. 124).

⁴⁹ Em *Du premier impact de la rencontre entre Dilthey et Husserl à la critique du ‘Logos’ (1900-1911)*, Jean-Claude Gens comenta que a consideração e o respeito de Husserl por Dilthey, provavelmente, eram animadas por suas conversas com Carl Stumpf sobre o renomado filósofo berlinense. Stumpf convivera com Dilthey a partir de 1894 na universidade de Berlim. Tendo enviado a ele, em 1883, a sua *Psicologia dos tons (Tonpsychologie)*, volumes 1 e 2, 1883 e 1890, respectivamente), uma obra dedicada à música, Stumpf recebe de Dilthey (que tem escritos sobre música também) a contribuição decisiva para, no ano seguinte, obter sua nomeação como professor, em Berlim (Cf. GENS, 2003b, p. 14).

A recepção das *Investigações* husserlianas por parte de Dilthey se traduz, entre outras coisas, na consagração de uma série de seminários pronunciados por ele, em março de 1905, na Academia de Ciências de Berlim, intitulando-os *Estudos para fundar as ciências do espírito*⁵⁰. Como Heidegger ressalta, são conferências que, de algum modo, elevam o nome e o pensamento de Husserl, num momento em que é alvo de profundas críticas, em decorrência das ideias trazidas no segundo volume de suas *Investigações*, interpretadas como uma possível queda no psicologismo, tão combatido no primeiro volume da obra (Cf. HEIDEGGER, *Phénoménologie de l'intuition*, 2014, p. 189; Cf. GENS, 2003b, p. 15). Husserl valorizou imensamente a iniciativa diltheyana de proferir tais cursos, como é possível ver no trecho da carta (26.12.1927), enviada a Dietrich Mahnke (1884-1939), em agradecimento pela “síntese” que este havia realizado entre o seu pensamento e o de Dilthey. Na verdade, é possível ver aí muito mais do que um simples agradecimento – o que justifica a longa transcrição abaixo:

Para mim, não havia necessidade de fazer uma “síntese” especial entre Dilthey e a fenomenologia. Em seu início, com as *Investigações Lógicas*, a fenomenologia era, todavia, muito limitada, eu estava ainda completamente incerto acerca do alcance do método fenomenológico; não tinha ainda uma ideia clara acerca do fato de que o campo universal dos “fenômenos” podia transformar-se no campo de uma ciência universal. No inverno de 1905-1906 teve lugar a primeira “síntese” entre Dilthey e minhas tendências teóricas, sob a forma de algumas conversas privadas na ocasião de minha visita a casa de Dilthey. (O motivo me havia sido oferecido pela notícia transmitida por um participante dos seminários de Dilthey, o americano Pitkin, de que Dilthey havia realizado alguns exercícios (...) sobre o segundo tomo de minhas *Investigações Lógicas*). O fato de que Dilthey identificara minha fenomenologia com a psicologia das ciências do espírito e a conectara com seu objetivo de fundação filosófica das ciências do espírito, me impressionou enormemente. Me apressei para incluir no programa alguns exercícios em Gotinga sobre “ciências da natureza e do espírito”, e a partir desse momento, por longos anos, os problemas relativos a uma fenomenologia relativa às ciências do espírito (*geisteswissenschaftliche*) me ocuparam mais do que outros, apesar de não ter publicado nada até agora sobre isso (HUSSERL-MAHNKE, 2000, p. 87 e 88).

De fato, nos *Estudos para fundar as ciências do espírito*, de 1905, Dilthey pretende contribuir para a fundamentação das ciências do espírito – estas constituem “um nexos gnosiológico mediante o qual se alcança um conhecimento objetivo da concatenação das vivências humanas no mundo humano social e histórico”

⁵⁰ No original: *Studien zur Grundlegung der Geisteswissenschaften* (1905), GS VII. A tradução utilizada aqui será a espanhola, de Eugenio Ímaz, *Fundación de las ciencias del espíritu*. In: *El mundo histórico* (México: Fondo de Cultura Económica, 1944), a partir de agora, indicada pela abreviação *Fundación*.

(DILTHEY, *Fundación*, 1944, p. 5). Dilthey elogia: “As excelentes investigações de Husserl partem de pontos de vista afins quando estabelece uma fundamentação rigorosamente descritiva da teoria do conhecimento como ‘fenomenologia do conhecer’ e, com isso, uma nova disciplina filosófica” (DILTHEY, *Fundación*, 1944, p. 13). Nesse texto, Dilthey admite que encontra nas *Investigações* um ponto de apoio para o desenvolvimento de suas *Ideias para uma psicologia descritiva e analítica*⁵¹ (1894), pela valorização que Husserl dá para a “descrição” como condição prévia a toda teoria do conhecimento (Cf. DILTHEY, *Fundación*, 1944, p. 17). Mas, da teoria da “idealidade atemporal da significação” e das leis apriorísticas de uma gramática pura, Dilthey recolhe elementos essenciais para reformular o conceito de “significação”, pondo-o num contexto completamente novo – aquele em que o significado é tomado na dimensão da temporalidade da vida concreta –, permitindo-lhe pensar uma hermenêutica das “objetivações do espírito” (Cf. GENS, 2003a, p. 15 e 16). Numa palavra: a hermenêutica diltheyana, indo além da “teoria da expressão” husserliana, defende que a compreensão é sempre compreensão de significações – estas não são “idealidades”, mas são a categoria fundamental a partir da qual a vida “se expressa e se compreende”. A “intuição das essências” de Husserl, sendo ligadas a idealidades de tipo lógico e matemático, tem um valor atemporal, isto é, são válidos para todos os tempos (Cf. GENS, 2003d, p. 44).

Podemos dizer que a pretensão de Husserl por uma filosofia como conhecimento seguro, absoluto, livre de todo relativismo e ceticismo, é pensada numa interlocução polêmica e frutífera com Dilthey. O texto *A filosofia como ciência de rigor*⁵², inicialmente publicado por Husserl na revista *Logos* (1911) nasce, justamente, com o exame severo que ele realiza sobre o conceito de “consciência histórica”, exposto por Dilthey em *Tipos de visão de mundo e a sua formação metafísica*⁵³ (1911). Nesse trabalho, Dilthey afirma *a relatividade de toda forma*

⁵¹ No original: *Ideen über eine beschreibende und zergliedernde Psychologie* (1894), GS II. Utilizaremos, em nossa pesquisa, a tradução do alemão para o português realizada por Artur Morão, que se intitula *Ideias para uma psicologia descritiva e analítica* (1894), indicada aqui abreviadamente por *Ideias*. In: *Psicologia e compreensão* (Lisboa: Edições 70, 2002); e a tradução francesa de M. Remy, *Idées concernant une psychologie descriptive et analytique*. In: *Le monde de l'esprit* (Paris: Aubier Montaigne, 1947. Tome I).

⁵² Estamos consultando a tradução do alemão para o espanhol feita por Elsa Tabernig, que recebeu o título *La filosofía como ciencia estricta* (La Plata: Terramar, 2007).

⁵³ No original: *Die Typen der Weltanschauung und ihre Ausbildung in den Metaphysischen Systemen* (1911). Esse trabalho foi publicado, inicialmente, em 1911, de forma incompleta (a primeira parte, apenas), em uma obra coletiva (*Weltanschauung, Philosophie und Religion in Darstellungen*), em que se tem também trabalhos de B. Groethuysen e G. Misch, discípulos

de vida histórica e, a partir de seu conceito de “consciência histórica”, destrói “a fé na validade universal de qualquer filosofia que tenha a pretensão de expressar a conexão cósmica de modo convincente mediante uma conexão de conceitos” (DILTHEY, *Tipos*, 1992, p. 110)⁵⁴. Embora a primeira parte do artigo husserliano seja dedicada a uma crítica ao naturalismo, Husserl sequer cita o nome de Dilthey, ignorando por completo o conteúdo das *Ideias para uma psicologia descritiva e analítica* (1894) (vale ressaltar, publicada dezessete anos antes de *Tipos de visão de mundo e a sua formação metafísica*) que também expressa repúdio ao naturalismo. Apenas na segunda parte do artigo, na análise que faz sobre o historicismo, o nome de Dilthey e os *Tipos* são evocados do começo ao fim. De acordo com Husserl, esse texto conduzira Dilthey ao relativismo e ao ceticismo, pois acabara por reduzir a filosofia a uma simples *visão de mundo* guiada por um caráter puramente pessoal, dispensando, assim, qualquer possibilidade de admitir uma “ciência filosófica válida em si” (Cf. HUSSERL, 2007, p. 48 e 49; Cf. GENS, 2003b, p. 17 e 18).

Tal crítica inaugura a breve correspondência que os dois filósofos trocam entre si, no período de junho a outubro de 1911, a partir da indignação e defesa de Dilthey pela acusação que lhe fora feita⁵⁵. Heidegger demonstra conhecer o

de Dilthey e, ainda, Natorp, Simmel e Troeltsch (Cf. GENS, 2003a, p. 16). A versão completa foi publicada em 1931 nos GS, volume VIII, intitulado *Weltanschauungslehre: Abhandlungen zur Philosophie der Philosophie*. Faremos uso da tradução portuguesa efetuada por Artur Morão, intitulada *Tipos de concepção de mundo e a sua formação metafísica*. In: *Teoria das concepções do mundo* (Lisboa: Edições 70, 1992), que será referida aqui apenas por *Tipos*.

⁵⁴ „So zerstört die Ausbildung des geschichtlichen Bewußtseins gründlicher noch als der Überblick über den Streit der Systeme den Glauben an die Allgemeingültigkeit irgendeiner der Philosophien, welche den Weltzusammenhang in zwingender Weise durch einen Zusammenhang von Begriffen auszusprechen unternommen haben. Die Philosophie muß nicht in der Welt, sondern in dem Menschen den inneren Zusammenhang ihrer Erkenntnisse suchen“ (DILTHEY, GS VIII, p. 77 e 78).

⁵⁵ Em 29 de junho de 1911, Dilthey assim se dirige a Husserl: “(...) sua caracterização de meu ponto de vista como historicismo, cuja consequência legítima é o ceticismo, deixou-me deveras admirado. Uma grande parte do trabalho de minha vida foi consagrado à busca de uma ciência de validade universal destinada a dar às ciências do espírito um fundamento sólido e uma coerência interna que as reúna em uma totalidade” (DILTHEY-HUSSERL, 2003, p. 113). Nesse aspecto, Dilthey faz ver que os dois têm propósitos semelhantes – o de pretender um “saber seguro” – e é justamente por isso que Dilthey, citando trechos paginados do artigo husserliano, contesta a definição de “historicismo” apresentada e aplicada ao seu pensamento. Colocando-se na esteira daqueles que negam a metafísica como “sistema de conceitos” que procura dar conta das complexas questões do mundo, argumenta que não tem nenhuma relação com o ceticismo, já que “o cético nega a possibilidade do conhecimento em geral”.

sentimento de “espanto” que Dilthey manifesta nessa carta. Numa análise sobre o artigo da revista *Logos*, diz que o seu valor está “sobretudo na posição que Husserl assume, na segunda parte [do artigo], sobre o problema da história, uma posição que é preciso qualificar de insustentável e que, com razão, suscitou consternação em Dilthey” (Cf. HEIDEGGER, *Prolégomènes*, 2006, p. 178).

Em que pese as críticas, Dilthey assume um papel determinante na tematização sobre o modo de ser da consciência e na reformulação do conceito de “intuição eidética”. O próprio Husserl, em 1929, confessa, em carta a Misch, que foi do debate com Dilthey, quando esteve com ele em Berlim, que recebera o impulso que o conduziu das *Investigações Lógicas* às *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*⁵⁶ (1913). Com efeito, apenas em 1925, tem acesso à leitura das *Ideias para uma psicologia descritiva e analítica*, de Dilthey – obra que, segundo Gens, revela melhor que *Tipos de visão de mundo* e *Introdução às ciências do espírito*, o projeto diltheyano de uma psicologia descritiva. No verão desse mesmo ano, ao proferir o curso *Psicologia Fenomenológica* (1925), Husserl faz um reconhecimento público do trabalho Dilthey ao avaliá-lo como “genial” e ao considerá-lo um dos precursores de sua fenomenologia. Concorde que a “psicologia” de Dilthey ultrapassa aquela de Brentano.

Dilthey justifica que, ao levantar a questão do “relativismo das cosmovisões”, o interesse de seu manuscrito (*Tipos*), publicado de forma resumida e incompleta por exigência dos editores da Coletânea, foi aguçar a curiosidade dos leitores para esse problema que é desenvolvido no texto completo, como também em outras obras suas. Embora não tenha deixado claro esse ponto importante no ensaio – o que certamente contribuiu a uma má compreensão por parte de Husserl –, Dilthey se queixa por ele ter feito derivar, a partir de frases soltas retiradas da introdução de *Tipos*, uma inconsequente interpretação de seu pensamento publicada no artigo da revista *Logos*. Em sua resposta (05.07.1011), Husserl se desculpa pelo “mal-entendido”. Tecendo grandes elogios à filosofia de Dilthey, promete-lhe escrever uma Nota de esclarecimento no próximo número da Revista, de modo a *evitar, ulteriormente, más interpretações*. Ressalta que o trabalho filosófico de ambos, mesmo “partindo de estudos e desenvolvimentos distintos e determinados por motivos históricos diferentes, concorda e coopera mutuamente: a análise fenomenológica elementar e a análise fenomenológica global caminha na mesma direção da morfologia e da tipologia das grandes figuras culturais” iluminadas por Dilthey (Cf. DILTHEY-HUSSERL, 2003, p. 124 e 129). A Nota prometida nunca foi publicada. Estamos utilizando a correspondência traduzida para o francês por Claude Romano, publicada em *Philosophie* n° 46, juin 1995, reproduzida por GENS, Jean Claude In: Heidegger: *Les Conférences de Cassel* (1925), précédées de la Correspondance Dilthey-Husserl (1911). Édition bilingue introduite, traduite et annotée par Jean-Claude Gens. Paris: VRIN, 2003. pp. 113-137.

⁵⁶ No original: *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie* (1913).

Todavia, trata-se, ainda, de um reconhecimento ambíguo, no dizer de Gens, na medida em que surpreendentemente traz críticas, não mais ao “historicismo”, mas a uma espécie de “biologismo” que encontra nas análises diltheyanas das “figuras do espírito”. É de causar surpresa essas críticas se lembrarmos que o próprio Husserl apreciou, expressamente, na terceira seção de suas *Ideias, a luta de Dilthey contra a naturalização do espírito* (Cf. GENS, 2003c, p. 28, 29 e 39).

Quando, enfim, no final de 1930, ganha de Misch um exemplar do volume VIII da obra de Dilthey, exatamente o que contém o texto completo dos *Tipos*, passados vinte anos da crítica na revista *Logos*, Husserl elogia o valioso presente, lamentando que tenha chegado demasiado tarde e declara: “para dizer a verdade [a obra], me obstaculiza, pois me encontro imerso em meu trabalho, mas que, justamente em relação com o que tenho em mãos, me interessa ardentemente”. Ao falar da “riqueza das formulações concentradas” na obra, chega mesmo a identificar uma “profunda e íntima afinidade” entre os projetos de ambos (Cf. HUSSERL-MISCH, 2000, p. 91). Para quem não via Dilthey como um filósofo, tais palavras demonstram um honroso reconhecimento, mesmo tendo vindo com tanto atraso.

Em 1925, em *Prolegômenos*, Heidegger constatara que o artigo *A filosofia como ciência de rigor* estabelecera uma fase de transição entre as *Investigações Lógicas* e as *Ideias* husserlianas. Ao sublinhar a importância do artigo da revista *Logos* no que se refere às discussões – *embora não esclarecidas* – sobre a relação entre a redução eidética e a redução transcendental, o conceito de fenômeno e o de psiquismo (Cf. HEIDEGGER, *Prolégomènes*, 2006, p. 178), a nosso ver, Heidegger exalta a importância de Dilthey no desenvolvimento do pensamento de Husserl.

Heidegger percebe a compreensão originária que Dilthey tem da fenomenologia. Em *Fenomenologia e filosofia transcendental do valor*⁵⁷ (1919), admite que as intuições diltheyanas são valiosas para o desenvolvimento da própria fenomenologia. Segundo ele, *se Dilthey não pôde conhecer o desenvolvimento da fenomenologia, ele certamente apreendeu não somente a sua significação ao ler as Investigações Lógicas de Husserl, como também principiou a realização da fenomenologia*⁵⁸ (Cf. HEIDEGGER, GA 56-57, p. 165). Heidegger enfatiza

⁵⁷ No original: *Phänomenologie und transzendente Wertphilosophie* (1919), GA 56-57.

⁵⁸ Dilthey, curiosamente, em sua *Introdução às ciências do espírito*, chama de “fenomenologia da metafísica” à sua análise histórica sobre a *impossibilidade da metafísica tradicional, desde as suas origens, ser tomada como ciência*, isto é, como conhecimento universalmente válido, fundamento de todo saber (Cf. DILTHEY, *Introdução*, 2010, p. 463). E ainda numa

a influência que Dilthey, com sua crítica ao naturalismo e ao psicologismo e a consequente elaboração de uma “nova psicologia”, produzirá no posterior desenvolvimento da fenomenologia de Husserl. Lembra que a exposição que Dilthey realiza no capítulo sétimo das *Ideias* sobre “a estrutura da vida psíquica”, antecipa as teses fundamentais que serão retomadas por Husserl (e Scheler), de maneira mais detida, sob o enfoque fenomenológico (Cf. HEIDEGGER, *Prolégomènes*, 2006, p. 177). E mais: não considera que o seu mestre fora mais longe que Dilthey, *mesmo tendo apresentado análises incontestavelmente superiores nos detalhes* (Cf. HEIDEGGER, *Prolégomènes*, 2006, p. 187).

Se a psicologia de Brentano sofreu censuras ao olhar crítico de Dilthey, o transcendentalismo da consciência husserliana também não foi poupado⁵⁹. Em *A construção do mundo histórico nas ciências do espírito* (1910), assinala:

À psicologia atomista científico-natural seguiu a escola de Brentano, que não é mais que escolástica psicológica, pois cria entidades abstratas, objeto, conteúdo com as quais quer compor a vida. O mais extremado nessa direção é Husserl. Em contraposição a isso, a vida é um todo (DILTHEY, *Construção*, 2010, p. 229 e 230; *Estructuración*, 1944, p. 263).

Ainda em 1925, Heidegger volta a destacar que talvez Dilthey tenha sido o primeiro a oferecer uma compreensão das intenções da fenomenologia ao se dedicar, desde 1860, à elaboração de uma nova psicologia que tem como finalidade *apreender o homem tal como pessoa e pessoa que age na história* em oposição a uma visão naturalista e experimental do homem, própria da psicologia da época (Cf. HEIDEGGER, *Prolégomènes*, 2006, p. 176). A “psicologia descritiva” diltheyana, que analisa o homem como ser inteiro e não apenas suas sensações, é elaborada em *Ideias para uma psicologia descritiva e analítica* (1894) e em *Da psicologia comparada: contribuição ao estudo da individualidade*⁶⁰ (1895-1896).

correspondência de 1897 ao Conde Yorck, Dilthey comenta sobre os seus trabalhos a respeito da evolução do pensamento de Schleiermacher como uma “espécie de fenomenologia” (Cf. DILTHEY- YORCK, 1983, p. 346).

⁵⁹ Numa anotação manuscrita em seu exemplar de *Filosofia como ciência de rigor*, Dilthey, considerando que a “intuição fenomenológica das essências” consistia em uma renovação da antiga eidética platônica, escreveu a respeito de Husserl: “um autêntico Platão!” (Cf. GENS, 2003b, p. 24; Cf. CRISTIN, 2000, p. 26).

⁶⁰ No original: *Über vergleichende Psychologie: Beiträge zum Studium der Individualität* (1895-1896), GS V. Em nossa pesquisa, utilizaremos a tradução francesa *De la psychologie comparée: Contribution à l'étude de l'individualité*, realizada por M. Remy, publicada em *Le monde de l'esprit* (Paris: Aubier Montaigne, 1947. Tome I); e também a tradução para o espanhol por Eugenio Ímaz, *Sobre psicología comparada: Contribuciones al estudio de la*

Heidegger lembra que a leitura das *Investigações* husserlianas por Dilthey contribuiu para o desenvolvimento de sua “psicologia personalista”, fazendo derivar dois importantes textos: os já mencionados *Estudos para fundar as ciências do espírito* (1905), que restou inacabado, e *A construção do mundo histórico nas ciências do espírito* (1910) (Cf. HEIDEGGER, *Prolégomènes*, 2006, p. 176 e 177; Cf. GENS, 2003a, p. 15).

Dilthey encontrou nas *Investigações* a primeira realização daquilo que procurava há muito tempo e que tinha formulado, de maneira programática e crítica, num ensaio acadêmico de 1884 [1894]⁶¹: uma ciência fundamental da vida mesma (HEIDEGGER, *Prolégomènes*, 2006, p. 49).

Como estamos vendo, Heidegger não ficou alheio ao embate Husserl-Dilthey. Não é à toa que revisará as mútuas críticas entre Dilthey e Husserl, tirando delas proveito. As *Conferências de Cassel*⁶² (1925) – um conjunto de dez conferências que Heidegger consagra ao pensamento de Dilthey, publicadas com o título *O trabalho de pesquisa de Dilthey e a atual luta por uma visão histórica do mundo* – têm origem justamente com o exame das críticas de Husserl a Dilthey em *A filosofia como ciência de rigor* e do estudo que ele próprio faz de *Tipos de visão de mundo e a sua formação metafísica*, de Dilthey. Assim, concordamos com Jean-Claude Gens quando, em sua Introdução à tradução francesa das *Conferências* heideggerianas em Cassel, suspeita que a relação mais profunda e direta existente entre Dilthey e Husserl parece ser a mesma que existe entre Dilthey e Heidegger: a questão da historicidade (Cf. GENS, In: HEIDEGGER, *Conférences*, 2003c, p. 7).

individualidad. In: *Psicología y teoría del conocimiento* (México: Fondo de Cultura Económica, 1945).

⁶¹ Trata-se de *Ideias para uma psicologia descritiva e analítica*, publicado em 1894 e não em 1884. Há, aí, um equívoco na tradução francesa *Prolégomènes à l'histoire du concept de temps* (Paris: Gallimard, 2006), que pudemos reparar numa consulta à tradução espanhola de Jaime Aspiunza *Prolegómenos para una historia del concepto de tiempo* (Madrid: Alianza Editorial, 2007), p. 42.

⁶² No original: *Kasseler Vorträge* (1925), GA 80. Conferências ministradas por Heidegger em Cassel, entre 16 e 21 de abril de 1925, na Sociedade de Hessen para as Artes e as Ciências a convite de seu diretor, Johannes Boehklau (1861-1941). Consultaremos a tradução francesa intitulada *Heidegger: Les Conférences de Cassel* (1925), précédées de la Correspondance Dilthey-Husserl (1911). Édition bilingue introduite, traduite et annotée par Jean-Claude Gens (Paris: VRIN, 2003).

Dastur ressalta que, “a questão fundamental que estará em cena nos primeiros cursos em Friburgo, compartilhada com Husserl, mas também com Dilthey, será a da gênese da ciência a partir da vida, da *faktische Leben*” (DASTUR, 2006, p. 14). É, justamente, inspirado no conceito de historicidade de Dilthey que Heidegger retomará os “problemas fundamentais da fenomenologia” husserliana como “ciência originária” e conquistará uma fenomenologia da vida histórica. Assim, conforme assinala Gadamer em *Kant e o giro hermenêutico*⁶³ (1975), “a partir de Dilthey, Heidegger pôde justificar suas dúvidas acerca da redução transcendental e do eu transcendental das *Ideias* no sentido de seu próprio giro fenomenológico hermenêutico” (GADAMER, 2003a, p. 61).

Tudo o que dissemos legitima, por si mesmo, a relevância e o alcance da filosofia diltheyana no desenvolvimento do pensamento de Heidegger. Ao destacar a presença de Dilthey em meio a tantas referências, quisemos mostrar que ele viveu e produziu a sua filosofia sob os influxos da atmosfera cultural e científica que dominava a segunda metade do século XIX e o início do século XX, influenciando e, ao mesmo tempo, sendo influenciado por ela. E Heidegger, sintonizado com as questões científicas e filosóficas mais urgentes de seu tempo, não deixaria escapar a grandeza do pensar diltheyano, pois se situa no mesmo clima intelectual em que se move seu próprio pensamento.

Entretanto, não pretendemos apontar a presença de Dilthey no pensamento de Heidegger guiando-nos apenas a partir de suas interlocuções (Windelband, Rickert, Brentano, Husserl, dentre outros). É o próprio Heidegger que, em 1915, no *Curriculum* que apresenta ao concurso de habilitação para a docência, faz referência a Dilthey como sendo uma de suas influências importantes.

O estudo de Fichte e Hegel, o estudo aprofundado de *Limites da formação de conceitos das ciências naturais*, de Rickert, e *as investigações sobre Dilthey* e, em grande parte, os cursos e seminários do Conselheiro Finke, *tiveram como consequência que minha aversão à História, aversão alimentada por minha predileção pelas matemáticas, fosse completamente destruída*. Eu reconheci que a filosofia não podia orientar-se exclusivamente pela matemática e as ciências naturais, nem pela História, e que esta última, enquanto história do espírito, pode incomparavelmente enriquecer os filósofos. *Meu interesse agora cada vez maior pela história* facilitou-me a preocupação pormenorizada com a filosofia da Idade Média, que entendi necessária para uma formação sólida da escolástica (HEIDEGGER, *apud* OTT, 1990, p. 92. Grifos nossos).

⁶³ Trata-se de um texto, de 1975, selecionado para uma Coletânea de obras de Hans-Georg Gadamer publicadas sob o título *Hegel, Husserl, Heidegger y Hermeneutik im Rückblick* (Fischer Taschenbuch Verlag GmbH, Frankfurt am Main, 2002). Estamos utilizando a segunda edição castelhana, traduzida por Ángela Ackermann Pilàri, “Kant y el giro hermenêutico”. In: *Los caminos de Heidegger* (Barcelona, Herder Editorial, 2003).

Borges-Duarte, em seu artigo *De lo lógico a lo translógico: la cuestión del sentido en el joven Heidegger (1913-1916)*, comenta que as referências de Heidegger a Finke e a Rickert nesse documento que acompanhava o pedido de *venia legendi* eram mais do que esperadas. O primeiro, representava o principal promotor de sua candidatura à ocupação da vaga de Arthur Schneider no concurso para professor da Universidade; o segundo, Rickert, fora seu orientador na tese de habilitação docente para o referido concurso. Certamente, o conceito de “história” como ciência, discutido por Rickert em *Limites da formação de conceitos das ciências naturais*, citado no *Curriculum*, foi a orientação teórica-metodológica utilizada por Heidegger no texto *O conceito de tempo na ciência histórica* – tema escolhido para a aula do concurso docente. Mas a referência a Dilthey no documento *demonstra a sua importância nesse momento ainda prematuro da elaboração heideggeriana da noção de tempo “histórico”, sintomaticamente ligada, em 1916, à ressonância hegeliana do “espírito vivente”* (Cf. BORGES-DUARTE, 1995, p. 91).

Bem mais tarde, no discurso que profere em sua admissão como membro da Academia de Ciências de Heidelberg em 10 de maio de 1958, Heidegger recorda os seus anos de formação e, mais uma vez, traz a importância que o pensamento diltheyano desempenhou nessa época:

Não é possível descrever de maneira satisfatória, o que trouxeram os vigorosos anos que vão de 1910 a 1914; pode-se tentar indicar mediante uma seleção de nomes e de acontecimentos: a segunda edição, aumentada, de *Vontade de Poder* de Nietzsche, a tradução das obras de Kierkegaard e de Dostoiévski, o interesse crescente por Hegel e Schelling, as poesias de Rilke e de Trakl, os *Gesammelte Schriften* de Dilthey (HEIDEGGER, *apud* VATTIMO, 1985, p. 17 e 18).

Outra referência da aproximação de Heidegger com a obra de Dilthey em seus tempos de juventude também nos é revelada na carta a Karl Löwith datada de 13.09.1920, em que admite utilizar “para a parte sobre Dilthey em seu curso de verão de 1923 [*Ontologia. Hermenêutica da faticidade*], *resumos e apontamentos elaborados em sua época de estudante de teologia*, assim como *Tratados de Dilthey que lhe foram emprestados por Husserl*” (PÖGGELER, 1993, p. 37. Grifos nossos).

Dessa forma, como podemos notar, a valorização da filosofia diltheyana que aparece no parágrafo 77 de *Ser e Tempo* é bem anterior à publicação dessa obra (Cf. GADAMER, 2003b, p. 280). Em *Princípios metafísicos da lógica a partir de Leibniz*⁶⁴, de 1928, Heidegger confessa que lia Dilthey “quando, todavia, não

⁶⁴ No original: *Metaphysische Anfangsgründe der Logik im Ausgang von Leibniz* (1928), GA

era respeitável mencioná-lo em um seminário de filosofia”⁶⁵ (HEIDEGGER, 2009b, p. 166; GA 26, p. 178).

A nossa pretensão é mostrar que a contribuição de Dilthey para o pensamento de Heidegger vem desde o início de sua vida acadêmica. Como veremos no capítulo seguinte, os seus primeiros escritos, especialmente o capítulo que conclui *A doutrina das categorias e do significado em Duns Scotus* (1915-1916), são marcados pela postura intelectual dos neokantianos, pela fenomenologia de Husserl, mas também pelo historicismo de Dilthey (Cf. XOLOCOTZI, 2007, p. 34). É a *rica e estimulante obra de Dilthey*, afirma Gadamer, que levará Heidegger a empreender uma crítica à pobreza formalista do pensamento sistemático neokantiano e do pensamento husserliano (Cf. GADAMER, 2003b, p. 280). Nesse sentido, revela:

Educado no apriorismo neokantiano de Rickert, que foi desenvolvido por Husserl em sua fenomenologia entendida como neokantiana, o jovem Heidegger introduziu, porém, precisamente a outra tradição, a “hermenêutica”, a das ciências do espírito, nas questões fundamentais da filosofia contemporânea (GADAMER, 2003a, p. 61).

Portanto, a partir de 1916, ao começar a sentir-se “insatisfeito com o caráter estático, vazio e abstrato da lógica pura” e problematizar “o ‘trânsito’ entre a intemporalidade do sentido abstrato e a realidade temporal da percepção sensível”, é com Dilthey que Heidegger ganhará o fôlego necessário para efetuar, a partir de 1919, “um giro decisivo em seu caminho, aproximando-se da problemática da historicidade e da vida”. Essa virada representa, pois, como demonstraremos no capítulo a seguir, *o deslocamento de Heidegger do âmbito do “sentido lógico” ao do “espírito vivente” (lebendig Geist), da teoria do conhecimento para uma filosofia da vida* (Cf. DÍAZ LETELIER, 2007, p. 12).

Não foi apenas Dilthey que favoreceu esse “giro” no pensamento de Heidegger. Gadamer resume outros protagonistas:

As forças que levaram a cabo a crítica ao neokantismo predominante tinham dois vigorosos precursores: Friedrich Nietzsche com sua crítica ao platonismo e ao cristianismo e Sören Kierkegaard com seu brilhante ataque contra a filosofia reflexiva do idealismo especulativo. À consciência de método do neokantismo se contraporiam dois lemas, o da irracionalidade da *vida* e especialmente da vida histórica, para o qual

26. Consultamos a tradução espanhola de Juan José García Norro intitulada *Principios metafísicos de la lógica* (Madrid: Editorial Síntesis, 2009).

⁶⁵ É provável que Heidegger, ao dizer isso, esteja se referindo ao fato de Dilthey não ter sido reconhecido, por alguns, como “filósofo” por não encontrarem “uma conclusão global e sistematizada de sua obra” (Cf. HEIDEGGER, *Phénoménologie de l’intuition*, 2014, p. 180).

se podia apelar a Nietzsche e a Bergson, mas também a Wilhelm Dilthey, o grande historiador da filosofia; e o lema da *existência* que ressoava das obras de Søren Kierkegaard (GADAMER, 2003c, p. 95. Grifos do autor).

Acrescentemos, ainda, para esse primeiro momento do pensamento heideggeriano, que a influência da leitura dos místicos medievais, das cartas de São Paulo, dos escritos de Santo Agostinho e de Lutero – em que Heidegger encontrará, na experiência do cristianismo primitivo, uma forma de manifestação da vida fáctica em relação com o futuro escatológico – tornar-se-á decisiva para a emergência da vida histórica. É importante frisar, como nos lembra Pablo Sánchez e como o próprio Heidegger parece apontar no contexto de sua *Fenomenologia da vida religiosa*⁶⁶ (1920-1921), que *as obras de Dilthey que tratam da formação do cristianismo contribuíram significativamente para despertar o interesse do Filósofo pela história das primeiras comunidades cristãs*. Segundo ele, Heidegger extrai do texto diltheyano, *A história da juventude de Hegel* (1905), a compreensão de que a religiosidade do cristianismo primitivo não se encontrava fundada em leis ou normas racionais, mas na experiência mesma do viver (Cf. SÁNCHEZ, 2001, p. 359 e 363). Jean Greisch também afirma que a origem da tese heideggeriana “segundo a qual o cristianismo forneceu o paradigma histórico mais influente do ultrapassamento do centro de gravidade da vida fáctica para o mundo próprio” é diltheyana (GREISCH, 2000, p. 221). Há de se mencionar que foram igualmente determinantes a Heidegger os estudos dos filósofos gregos, em especial, a apropriação fenomenológica da filosofia prática de Aristóteles, desenvolvida numa orientação diltheyana para a história e movida pelas inquietações despertadas pela filosofia existencial de Kierkegaard, bem como é sabido, o projeto da fenomenologia de Husserl como ciência originária.

Entretanto, não iremos abordar essas múltiplas influências. Não resta dúvida de que todas são decisivas na constituição do pensamento heideggeriano, mas não é nosso propósito fornecer uma análise histórico-genética do percurso intelectual traçado por Heidegger até *Ser e Tempo*. Há consideráveis estudos a esse respeito⁶⁷.

⁶⁶ No original: *Phänomenologie des religiösen Lebens* (1920/1921), GA 60.

⁶⁷ Dentre os mais clássicos, temos: GADAMER, Hans-Georg. *Los caminos de Heidegger*. 2 ed. Traducción de Angela Ackermann Pilári. Barcelona: Herder Editorial, 2003; PÖGGELER, Otto. *El camino del pensar de Martin Heidegger*. 2 ed. Traducción y notas de Félix Duque. Alianza Editorial, S. A., Madrid, 1993. E entre os mais recentes, temos: XOLOCOTZI, Ángel Yáñez. “Heidegger antes de Ser y Tiempo: El camino de la pregunta por el ser”. *Interticios: Filosofía, Arte e Religión*. Heidegger – Ser y Tiempo. Publicación Semestral de Filosofía de La Universidad Intercontinental. México: Jul-Dic, 2011, año 16. núm. 35, pp. 15-28;

A intenção de nossa pesquisa é conceder um lugar de destaque a Dilthey – ainda pouco explorado no campo acadêmico, sobretudo, no recorte conceitual que pretendemos desenvolver: investigar como Heidegger, radicalizando a “hermenêutica da historicidade da vida” diltheyana, recebe contribuições efetivas que o conduzirá à sua “hermenêutica da facticidade” e à sua consequente “hermenêutica da existência”. Para nós, tal como explicita De Waelhens, não resta dúvida do interesse de Heidegger pela filosofia diltheyana, em que encontra *uma atmosfera geral e, para muitas questões, uma problemática extremamente propícia a servir aos seus próprios desígnios, dos quais Dilthey não poderia ter consciência* (Cf. DE WAELHENS, 1948, p. 322).

Se entre os trabalhos universitários de Heidegger até 1916 Dilthey já se mostrava presente, ainda que de maneira tímida, o acolhimento das suas ideias se manifestará de forma mais expressiva, em dois momentos que caracterizam o pensamento do “Primeiro Heidegger”: a) entre 1919-1923, com os primeiros cursos em Friburgo⁶⁸, cujo foco será a elaboração da “hermenêutica da facticidade” a partir da pergunta pelo acesso à vida fáctica; e, b) entre 1923-1928, com os cursos de Marburgo, em que Heidegger estará voltado para a sua “hermenêutica da existência”. Nesse segundo momento, o pensamento diltheyano recebe destaque, sobretudo, no curso de verão intitulado *Prolegômenos à história do conceito de tempo* (1925) e nas *Conferências de Cassel*⁶⁹ (1925), em que Heidegger

XOLOCOTZI, Ángel Yáñez. *Facetas Heideggerianas*. México: Los libros de Homero S.A. de C.V., 2009; ESCUDERO, Jesús Adrián. *Heidegger y la genealogia de la pregunta por el ser: una articulación temática e metodológica de su obra temprana*. Barcelona: Herder, 2010; XOLOCOTZI, Á. Y. “Fundamento, esencia y Ereignis. En torno a la unidad del camino del pensar de Martin Heidegger”. *ÉNDOXA: Series Filosóficas*, n.º 20, Madrid: UNED, 2005. pp. 733-744. Do círculo norte-americano de interpretação do pensamento do jovem Heidegger, recomendamos: VAN BUREN, John. *The Young Heidegger*. New York, 1994; KISIEL, Theodore. *The Genesis of Heidegger's Being and Time*. University of California Press, Berkeley and Los Angeles, 1993. Há que se destacar também o trabalho de SASSI, Vagner. *A Questão acerca da origem e a apropriação não-objetivante da tradição no jovem Heidegger*. Porto Alegre: PUCRS, 2007 (Tese de Doutorado).

⁶⁸ Sobretudo com GA 56-57: *A ideia da filosofia e o problema da visão do mundo (Die Idee der Philosophie und das Weltanschauungsproblem)* e *Fenomenologia e filosofia transcendental do valor (Phänomenologie und transzendente Wertphilosophie)*, ambos de 1919; GA 58: *Problemas fundamentais da fenomenologia (Grundprobleme der Phänomenologie)* de 1919-20; GA 59: *Fenomenologia da intuição e da expressão: teoria da formação dos conceitos (Phänomenologie der Anschauung und des Ausdrucks. Theorie der philosophischen Begriffsbildung)*, de 1920; GA 63: *Ontologia: hermenêutica da faticidade (Ontologie. Hermeneutik der Faktizität)*, de 1923.

⁶⁹ Frithjof Rodi foi o organizador da edição alemã das *Conferências* e traz no Posfácio o con-

comenta o conceito de historicidade contido no acervo de cartas entre Dilthey e o Conde Paul Yorck von Wartenburg (1835-1897)⁷⁰ – correspondência que durou cerca de vinte anos, pondo-se fim com a morte do Conde Yorck, em 1897 – amplamente abordadas no parágrafo 77 de *Ser e Tempo* (1927).

Chama-nos a atenção o valor atribuído por Heidegger a essa correspondência, publicada na década de 1920. Heidegger é fisgado pela discussão empreendida entre Dilthey e Yorck sobre o conceito de historicidade e a diferença entre o “ôntico” e o “ontológico”. A partir de uma pesquisa, primorosa por seus detalhes, realizada por Xolocotzi⁷¹, vejamos a reação de Heidegger à época de sua publicação.

1.3 A IMPORTÂNCIA PARA HEIDEGGER DA CORRESPONDÊNCIA DILTHEY-YORCK

Muitos estudiosos como Gadamer, Pöggeler, Greisch, Dastur, Gens, Barash, Misch, Rodi, e mais recentemente, Xolocotzi, Peraita e Fagniez, abordam de maneira sistemática a importância filosófica das cartas Dilthey-Yorck na elaboração da fenomenologia hermenêutica heideggeriana⁷².

Xolocotzi, por exemplo, ressalta que essas cartas apresentam uma riqueza tão grande de conteúdo para Heidegger, que considerá-las apenas no que consta sobre elas no parágrafo 77 de *Ser e Tempo* seria minimizá-las, pois elas *determi-*

texto desse escrito: foi o resultado do trabalho de um dos alunos próximos a Heidegger, Walter Bröcker, que “passava a limpo”, imediatamente após cada conferência, as anotações que tinha realizado. Mais tarde, ele colocou o manuscrito à disposição de Marcuse, que o datilografou. O manuscrito original desapareceu da residência de Bröcker. E, não se sabe como, Ballow possuía uma cópia datilografada que ele doou para os *Archives Dilthey* de Bochum, no início dos anos oitenta. O texto datilografado por Marcuse foi encontrado em Frankfurt, o que permitiu a Rodi comparar as duas versões. As conferências foram publicadas pela primeira vez no volume 8 de *Dilthey-Jahrbuch für Philosophie und Geschichte der Geisteswissenschaften* (1992-1993), pp. 143-177; depois, reeditadas no volume 80 das Obras Completas de Heidegger. Sobre isso, cf. a Nota do Tradutor da edição espanhola, de Jesús Adrián Escudero (Trotta: Madrid, 2009, pp. 39-98, p. 10 e 11) e a Nota da tradução francesa de Jean-Claude Gens (VRIN: Paris, 2003, pp. 138-209, p. 210).

⁷⁰ *Briefwechsel zwischen Wilhelm Dilthey und dem Grafen Paul Yorck von Wartenburg 1877-1897*. Herausgegeben Von Erich Rothacker. Halle a. d. Saale: Max Niemeyer, 1923.

⁷¹ Não podemos deixar de destacar os documentados trabalhos de Ángel Yáñez Xolocotzi, (em especial, 2007; 2009; 2011, indicados no final de nossa pesquisa) professor da Universidad Iberoamericana-Ciudad de México que, nos últimos anos tem produzido interessantes estudos sobre primeira fase do pensamento de Heidegger em direção a *Ser e Tempo*, ajudando a elucidar as suas principais influências, dentre elas, Dilthey.

⁷² Conferir a referência completa dos autores no final desse trabalho.

naram de modo fundamental a formação da obra em sua totalidade (Cf. XOLO-COTZI, 2007, p. 79). A esse respeito, Gadamer, testemunha ocular da admiração e do interesse de Heidegger pelos escritos de Dilthey, em *Um caminho de Martin Heidegger* (1986)⁷³, nos descreve:

(...) no que se refere a Dilthey todos sabemos agora o que eu já sabia há muito tempo. Equivoca-se quem quer concluir, a partir da citação em *Ser e Tempo*, que Dilthey teve uma influência especial no desenvolvimento do pensamento heideggeriano em meados dos anos vinte. Situá-la neste momento significa chegar demasiado tarde. A valorização compreensiva da obra de Dilthey que encontramos em *Ser e Tempo* já está acima de qualquer dúvida (...) (GADAMER, 2003b, p. 280).

Segundo Gadamer, Heidegger conheceu a obra de Dilthey bem antes da publicação de edição completa desse filósofo. Não foi a Introdução, muito elogiada por Heidegger⁷⁴, escrita por Georg Misch para o quinto volume das obras de Dilthey, que veio a público em 1924, nem a publicação da correspondência Dilthey-Yorck que despertou o interesse pela leitura dos textos de Dilthey. Recordamos que:

(...) Naquele momento se viu muito claramente como Heidegger descobriu nessas cartas com uma profunda satisfação interior e quase com malícia a superioridade do conde Yorck frente ao famoso erudito Dilthey. A condição prévia para perceber isto era uma familiaridade detalhada com a produção tardia de Wilhelm Dilthey, que Heidegger, aparentemente, tinha. Com efeito, ele mesmo me contou sobre o mal-estar em levar para casa os pesados volumes das publicações da Academia de Berlim, em que se encontravam os trabalhos tardios de Dilthey, e ter que devolvê-los quando, na biblioteca universitária de Friburgo alguém havia solicitado, não os tratados de Dilthey, mas qualquer outra coisa que também se encontrava nesses volumosos tomos da Academia de Berlim. Isto deve ter ocorrido antes de 1920 (GADAMER, 2003b, p. 280).

Em acordo com Gadamer, também Dastur assinala que a “descoberta” da “superioridade” de Yorck em relação a Dilthey só foi possível, logicamente, porque Heidegger já possuía “uma grande familiaridade com a produção tardia desse último” (DASTUR, 2009, p. 13).

⁷³ Trata-se de um artigo, de 1986, que faz parte de Coletânea de obras de Hans-Georg Gadamer publicadas sob o título *Hegel, Husserl, Heidegger y Hermeneutik im Rückblick* (Fischer Taschenbuch Verlag GmbH, Frankfurt am Main, 2002). Estamos utilizando a segunda edição castelhana, traduzida por Ángela Ackermann Pilàri, “Un camino de Martin Heidegger”. In: *Los caminos de Heidegger* (Barcelona, Herder Editorial, 2003).

⁷⁴ Cf. HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*, § 77, a Nota 1, da p. 399. Na tradução brasileira de Márcia de Sá Cavalcante, ver a Nota 105, da p. 206.

O fato é que, em 1923, tão logo soube que as cartas Dilthey-Yorck estavam em vias de publicação pela Revista *Deutsche Vierteljahresschrift für Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte*, no número consagrado à filosofia e às ciências do espírito, Heidegger escreve, em 15 de dezembro, aos fundadores e editores da referida Revista, Erich Rothacker e Paul Kluckhohn⁷⁵, solicitando um exemplar da publicação dessa correspondência. Ao mesmo tempo, se prontifica para *comentar algo fundamental a respeito do trabalho diltheyano*. Diz ele: “eu considero que a atual moda sobre Dilthey se empenha precisamente em deixar de lado o fundamental de seu trabalho” (XOLOCOTZI, 2007, p. 80; 2009, p. 70)⁷⁶. De posse das cartas, Heidegger então dirige-se, em 04 de janeiro de 1924, aos editores:

Eu agradeço por fazer-me chegar a Correspondência *Dilthey-Yorck*. Recebi o exemplar no Natal e, de imediato, li todo ele. As coisas são demasiado importantes para uma simples nota. Quando solicitei o exemplar já estava decidido a aproveitar a oportunidade para um comentário de princípio sobre Dilthey (HEIDEGGER, *apud* XOLOCOTZI, 2007, p. 80; 2009, p. 70)⁷⁷.

E acrescenta:

Surpreendente para mim foi a superioridade do Conde Yorck em todas as perguntas filosóficas fundamentais. Seguindo o seu instinto, ele estava avançado meio século à frente de sua época. A direção que ostensivamente provoca em Dilthey é aquela em que expus na apresentação de minhas aulas sobre Dilthey, mas Dilthey nunca chegou a ela. Porém, a Yorck também falta possibilidades conceituais e os caminhos para adquiri-las. Anotações no sentido de como “filosofar é histórico” são mais instintivas,

⁷⁵ As cartas entre Heidegger e os editores Erich Rothacker e Paul Kluckhohn vieram a público com J. W. Storck e T. Kiesel sob o título *Martin Heidegger und die Anfänge der “Deutschen Vierteljahresschrift für Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte”*. *Eine Dokumentation*. E apareceram em *Dilthey-Jahrbuch für Philosophie und Geschichte der Geisteswissenschaften* 8 (1992/1993), pp. 181-225 (Cf. XOLOCOTZI, 2007, p. 81).

⁷⁶ A citação é uma tradução nossa do texto em espanhol de Ángel Xolocotzi Yáñez (ver referências ao final da pesquisa) cotejada com o texto original publicado por Friedrich-Wilhelm von Herrmann, no Epílogo à edição alemã (2004) de *O Conceito de tempo*: „Ich bin der Meinung, daß die heutige Dilthey-Mode dabei ist, gerade auf das Entscheidende an seiner Arbeit zu verzichten“ (HERRMANN, “Nachwort des Herausgebers”, In: HEIDEGGER, M. *Der Begriff der Zeit* (1924). Gesamtausgabe. Abteilung 3: Unveröffentlichte Abhandlungen Vorträge – Gedachtes. 1924. BAND 64. (GA 64). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2004, p. 131).

⁷⁷ „Ich danke Ihnen für die Überlassung des *Dilthey-Yorck Briefwechsels*. Ich habe das Exemplar am Weihnachtstage erhalten u[nd] zunächst einmal in einem Zuge gelesen. Für eine bloße Notiz sind die Dinge zu wichtig. Und ich war, als ich Sie um das Exemplar bat, schon entschlossen, diese Gelegenheit zu einer grundsätzlichen Äußerung über Dilthey zu benutzen“ (HERRMANN, “Nachwort des Herausgebers”. In: HEIDEGGER, 2004, GA 64, 2004, p. 130).

mas requerem a transparência adequada e apenas aí começam as dificuldades (HEIDEGGER, *apud* XOLOCOTZI, 2007, p. 80)⁷⁸.

Assim, ao longo de 1924, Heidegger dedicou-se à redação do “comentário” anunciado. Uma primeira exposição desse “comentário” teve lugar na famosa conferência para a Sociedade de Teólogos de Marburgo em 25 de julho de 1924, tendo por título, *O Conceito de tempo*⁷⁹.

Meses depois, precisamente em 21 de setembro de 1924, em outra carta a Rothacker, Heidegger promete a este editor o “comentário” para o final de outubro e revela o seu interesse maior: “(...) Colhi da correspondência a pergunta central da historicidade e busco torná-la compreensível mediante uma investigação objetiva. Esta pode ter somente caráter sistemático-histórico” (HEIDEGGER, *apud* XOLOCOTZI, 2007, p. 81; 2009, p. 70)⁸⁰.

O texto completo prometido ficou por demais amplo para ser publicado como artigo na Revista e Rothacker pede a Heidegger que o sintetize. Numa carta de 18 de novembro de 1924, Heidegger lhe responde: “Não fica claro como eu devo fazê-lo mais curto (...). Se não tenho a livre possibilidade de publicar o artigo tal como ficou na última correção, então me verei obrigado a retirá-lo” (HEIDEGGER, *apud* XOLOCOTZI, 2007, p. 81; 2009, p. 70)⁸¹.

⁷⁸ „Überraschend war mir die Überlegenheit des Grafen Yorck in allen grundsätzlichen philosophischen Fragen; er war dem Instinkt nach seiner Zeit um ein halbes Jahrhundert voraus. Die Richtung, in die er Dilthey sichtlich drängt, ist die, die ich in meinen Diltheydarstellungen im Kolleg an Dilthey herausstellte mit der Anmerkung, daß Dilthey nie dahin kam. Trotzdem fehlen Yorck ebenso die begrifflichen Möglichkeiten und die Wege, solche zu schaffen. Bemerkungen im Sinne wie ‚Philosophieren ist historisches Denken‘ sind instinktsicher, bedürfen aber der rechten Durchsichtigkeit – und da beginnen erst die Schwierigkeiten“ (HEIDEGGER, 2004, GA 64, p. 131).

⁷⁹ No original: *Der Begriff der Zeit* (1924), GA 64. Uma tradução para o espanhol sob o título “*El concepto de tiempo* (Tratado de 1924)” feita por Jesús Adrián Escudero (Barcelona: Herder Editorial, 2008) será utilizada por nós nessa pesquisa. Há ainda uma edição bilíngue traduzida por Irene Borges-Duarte, *O Conceito de tempo* (Lisboa: Ed. Fim de Século, 2008), e outra edição bilíngue realizada por Marco Aurélio Werle, publicada nos *Cadernos de Tradução*, n. 2, Departamento de Filosofia/USP, 1997.

⁸⁰ „Sie bekommen meine Abhandlung bestimmt bis Ende Oktober. Titel: Der Begriff der Zeit. (Anmerkung zum Dilthey-Yorck Briefwechsel). Ich habe die zentrale Frage der ‚Geschichtlichkeit‘ aus dem Briefwechsel herausgegriffen und suche diesen durch sachliche Untersuchung verständlich zu machen. Diese kann nur systematisch-historischen Charakter haben“ (HEIDEGGER, 2004, GA 64, p. 131).

⁸¹ „Wie ich kürzen soll, ist mir unklar (...) Wenn ich nicht die ganz freie Möglichkeit habe, den Aufsatz so herauszubringen, wie ich es bei der letzten Korrektur kann, dann seh ich mich

Em 17 de dezembro de 1924, Heidegger reclama a Karl Löwith: “Meu ‘Tempo’ era para Rothacker demasiado extenso, aparecerá mais ampliado no *Jahrbuch*” (HEIDEGGER, *apud* XOLOCOTZI, 2007, p. 81; 2009 p. 70). De acordo com Xolocotzi, essa publicação não aconteceu e, em seu lugar, surgiu *Ser e Tempo*, em 1927, no volume VIII do *Jahrbuch für Philosophie und Phänomenologische Forschung* fundado por Husserl. Numa carta a Jaspers⁸² datada de 24 de abril 1926, Heidegger confirma que a redação final de *Ser e Tempo* ocorreu em abril de 1926 (Cf. HEIDEGGER, 2003b, p. 51).

Enfim, como sabemos, o texto completo de *O Conceito de tempo*, mais amplo que o da conferência é incorporado às obras completas de Heidegger (GA 64) em 2004. Heidegger aí explica onde encontrou a motivação para tematizar sobre o tempo: a publicação da correspondência Dilthey-Yorck e o seu desejo de expor uma compreensão mais fecunda a respeito do conteúdo dessas cartas⁸³ (Cf. HEIDEGGER, 2008c, p. 11).

Tudo isso demonstra que *Ser e Tempo* não é, como se pensava anteriormente, uma obra “sem história”, produto de uma inspiração. É o resultado de diversos trabalhos em que se entrecruzam múltiplos influxos, como já dissemos, o neokantismo, a fenomenologia, as filosofias da vida, a teologia cristã, a filosofia grega (Cf. RODRÍGUEZ, 1997, p. 12). Xolocotzi faz questão de ressaltar:

(...) Hoje sabemos que o livro (...) foi fruto de um árduo trabalho extraído em grande parte dos manuscritos de suas lições e impulsionado pela elaboração de uma resenha sobre a correspondência entre Wilhelm Dilthey e o Conde Yorck von Wartenburg (...) Embora as primeiras versões tenham sido escritas em Marburgo, a semente do que aí foi tratado provinha de suas inquietudes trabalhadas na docência na primeira fase em Friburgo. De fato, o livro *Ser e Tempo* publicado em 1927 foi a terceira redação, visto que o Tratado de 1924, “O Conceito de tempo”, e a lição do semestre de verão “Prolegômenos à história do conceito de tempo”, constituem a primeira e a segunda versão, respectivamente (XOLOCOTZI, 2011, p. 17)⁸⁴.

gezwungen, ihn zurückzuziehen“ (HEIDEGGER, 2004, GA 64, p. 131).

⁸² No original: *Martin Heidegger-Karl Jaspers. Briefwechsel 1920-1963*. Estamos consultando a tradução de Juan García Norro, *Correspondencia Heidegger-Jaspers (1920-1963)*. (Madrid: Editorial Síntesis, 2003).

⁸³ „Den Anlaß zur vorläufigen Mitteilung der folgenden Untersuchung über die Zeit gibt die Veröffentlichung des Briefwechsels zwischen Wilhelm Dilthey und dem Grafen Paul Yorck v. Wartenburg. Die vorliegende Abhandlung will das Verständnis dieses Briefwechsels eindringlicher machen“ (HEIDEGGER, 2004, GA 64, p. 3).

⁸⁴ Essa informação é confirmada pelo editor, Friedrich-Wilhelm von Herrmann que, no “Epílogo” reconhece o *Tratado de 1924* como “o texto embrionário” ou a “versão original” de *Ser e Tempo* (Cf. HEIDEGGER, 2004, GA 64, p. 132 e 133).

Analisaremos no decorrer de nossa pesquisa alguns textos das primeiras lições de Friburgo (1919-1923) a fim de mostrar de que maneira Heidegger se apropria dos conceitos diltheyanos de vida e historicidade para elaborar o que ele chamou de “hermenêutica da vida fáctica”. Constataremos, portanto, que é partindo de Dilthey, e depois contra ele, afastando-se de sua epistemologia, radicalizando-a e apontando-lhe os limites, que Heidegger desenvolverá a sua “hermenêutica da existência” nas lições de Marburgo (1923-1928).

Começamos, porém, no capítulo a seguir, com a exposição de seus trabalhos acadêmicos, em especial, *Pesquisas recentes sobre lógica* (1912) e a tese de doutorado *A doutrina do juízo no psicologismo: uma contribuição crítico-positiva à lógica* (1913-1914), bem como a tese de habilitação para docência *A doutrina das categorias e do significado em Duns Scotus* (1915-1916). Mostraremos a contribuição de Dilthey, ainda que discreta, no trajeto que liga o interesse heideggeriano pela lógica à descoberta da vida histórica. Embora não pretendamos, como já foi dito, tecer os fios que atravessam os pressupostos teóricos e metodológicos articulados por Heidegger até chegar a sua obra madura, *Ser e Tempo* (1927), veremos que a problemática da historicidade do “espírito vivo” acenada em *O problema das categorias*⁸⁵ que intitula a “conclusão” de sua *Habilitationsschrift* (1916) harmoniza-se com o problema da facticidade e da concretude da vida que será o foco de Heidegger nos anos pós-guerra.

⁸⁵ No original: *Das Kategorienproblem*. In: HEIDEGGER, GA 1, 1978, pp. 399-411. Na tradução francesa de Florent Gaboriau utilizada por nós: *Le problème des catégories*, In: HEIDEGGER, *Traité*, 1970, pp. 221-233.

